



INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

HIDALICY DE BRITO SOUZA

A NOÇÃO DE TERCEIRO NA TECNOTEXTUALIDADE

ACARAPE

2024

HIDALICY DE BRITO SOUZA

A NOÇÃO DE TERCEIRO NA TECNOTEXTUALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (PPGLin/UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem e Integração.

Linha de pesquisa: Linguagem: práticas textuais-discursivas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Mariza Angélica Paiva Brito.

ACARAPE

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Souza, Hivalicy de Brito.

S729n

A noção de terceiro na tecnotextualidade / Hivalicy de Brito
Souza. - Redenção, 2025.
97f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Em Estudos da Linguagem,
Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção,
2025.

Orientadora: Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito.

1. Linguística - Noção de terceiro. 2. Campo dêitico digital.
3. Linguística textual. 4. Tecnotextualidade. I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 410

HIDALICY DE BRITO SOUZA

A NOÇÃO DE TERCEIRO NA TECNOTEXTUALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (PPGLin/UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Aprovada em: 27/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Mariza Angélica Paiva Brito (Presidente)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Ananias Agostinho da Silva (Examinador externo)

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

Prof^a. Dr^a. Mayara Arruda Martins (Examinadora interna)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

À minha mãe, Maria Neuma Soares de Brito, que sonhou primeiro este percurso que estou concluindo.

Aos meus avós maternos, Petronília Soares de Brito (*in memoriam*), a Péta, e Raimundo Rodrigues de Brito (*in memoriam*), o Tuí, que, com vossos exemplos de vida, nos ensinaram sobre amor, gentileza, luta e superação.

À Mônica Magalhães Cavalcante (*in memoriam*), que acreditou antes de todos na realização deste trabalho sobre o Terceiro.

AGRADECIMENTOS

Esta seção é apenas uma tentativa de dar nome ao afeto, pois ainda não seria suficiente para descrever e abranger todos que, de uma maneira ou outra, colaboraram nesta conquista tão almejada.

Para iniciar, agradeço a Deus, Único e Verdadeiro, meu pai lá do céu aqui na terra, que, pelo Seu Divino Espírito Santo, soprou sua sabedoria para que eu conseguisse chegar até aqui. Foi a força quando a minha alma e o meu corpo desfaleceram, levantou-me da cama todas as manhãs e me pôs de pé e falou aos meus ouvidos: “*Levante-se, pegue sua cama e ande*” (João, 5:8). Obrigada, pela vida e pela minha família.

À minha querida mãe, Neuma, que é a primeira e maior incentivadora dos meus estudos, e que nunca mediu esforços em buscar melhores condições de vida para mim e meus irmãos. Obrigada, pelas orações, pela comida saborosa e por todas as renúncias.

Aos meus irmãos em geral, que, ao lado da minha mãe, também me deram apoio e incentivo constante. Obrigada, pelo exemplo como pessoas e profissionais.

À minha irmã, Hilaíze, pela torcida sincera e fiel.

À minha sobrinha Rebeca, pelo carinho constante.

Ao meu irmão Wilton, pela insistência para a continuidade deste ciclo.

Ao meu irmão Hilário, pela motivação de sempre.

Ao meu tio, Maurício, pela companhia nas missas de domingo e por fazer comigo o caminho de casa até a agência de transportes em dias de aula.

Aos meus avós maternos, Péta e Tuí (*in memoriam*), pelo suporte incansável.

Ao Yuri, que foi mais que um colega de Mestrado, pelas conversas de coração sincero, pelas risadas e pelos passeios. Obrigada, por muitas coisas que não conseguirei descrever.

Aos amigos Karine e Lucas, que, desde a graduação, dividem comigo flores e espinhos. Obrigada, pelas brincadeiras, fofocas (troca de informações), pela espiritualidade serena, pela fé e pelas boas palavras.

À Alicyregina, pela escuta, pelas orações e pela companhia.

À minha orientadora, a Prof^a. Dr^a. Mariza Angélica Paiva Brito, por acreditar em mim e no meu trabalho desde o início do mestrado, pela acolhida e companhia neste percurso até aqui.

À Prof^a. Dr^a. Mônica Magalhães Cavalcante (*in memoriam*), pela fé que depositou no meu trabalho, pela alegria e gentileza em todos os nossos poucos encontros e discussões.

Um agradecimento especial ao Prof. Dr. Ananias Agostinho da Silva e à Prof^a. Dr^a. Mayara Arruda Martins, que compuseram a banca de qualificação do projeto desta pesquisa e contribuíram de modo fundamental para o desenvolvimento da minha dissertação.

Ao Prof. Dr. Antônio Lailton Moraes Duarte e ao Prof. Dr. Kennedy Cabral Nobre, que aceitaram participar da banca de qualificação da dissertação em andamento e pelos ensinamentos valiosos que, com certeza, levarei na jornada acadêmica.

Aos membros do Grupo de Estudos em Linguística Textual - GELT/UNILAB e do PROTEXTO/UNILAB, por todos os momentos de partilha e troca de aprendizados e vivências.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - PPGLin, por todas as conduções teóricas e formativas que possibilitaram meu crescimento enquanto pesquisadora.

À Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, essencial no meu processo de formação na graduação em Letras e no Mestrado em Estudos da Linguagem.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela bolsa de financiamento concedida durante vinte e dois meses do Mestrado, que contribuiu para minha permanência no Programa.

“O Terceiro podem ser o apático e o indeciso, mas também aquele que recusa dar assentimento tanto a uma como a outra das teses em presença e mantém a dúvida aberta, a fim de poder se pronunciar ‘com todo o conhecimento de causa’”.

(Plantin, 2008, p.78)

RESUMO

Este estudo tem como objetivo central situar a noção de *Terceiro* dentro do campo teórico e metodológico da Linguística Textual brasileira (LT), abordando suas implicações no contexto digital. Considerando a escassez de pesquisas que exploram esse fenômeno sob o enfoque da LT, busca-se preencher essa lacuna ao articular diferentes perspectivas teóricas para elaborar um desenho teórico-metodológico que considere o lugar desse papel actancial. A fundamentação parte do Modelo Dialogal de Plantin (2008), que caracteriza o *Terceiro* como um participante passivo nas interações comunicativas, e na proposta de Amossy (2017), que o apresenta como um papel actancial na modalidade argumentativa polêmica, na qual proponente e oponente disputam a adesão de um público. Também nos apoiamos na concepção de texto como unidade de comunicação e de sentido em contexto, conforme discutida por Cavalcante *et al.* (2022). A pesquisa adota o método hipotético-dedutivo e é de abordagem qualitativa. Foram analisados dez textos multissemióticos digitais coletados de publicações no *X* e *Instagram*, a partir de capturas de tela realizadas pela pesquisadora. Os dados foram examinados sob a ótica da abordagem pós-dualista e ecológica do discurso, conforme discutido por Paveau (2021). O foco das análises são fenômenos tecnolinguageiros, como o alcance (visualizações) e o engajamento explícito (curtidas, comentários, compartilhamentos, repostagens e salvamentos) nas publicações, aspectos que combinados podem flagrar a presença do Terceiro. Nossa hipótese central é que o *Terceiro* é inicialmente um ouvinte-espectador que observa passivamente a interação entre um locutor e um interlocutor no campo dêitico digital (Martins, 2024), mas que posteriormente, pode assumir um papel ativo no circuito comunicativo, ao engajar-se por meio de um gesto tecnolinguageiro, influenciando na construção de sentidos na tecnotextualidade. Este estudo ressalta a importância do papel do Terceiro no ambiente digital, contribuindo significativamente para os estudos do texto e do discurso.

Palavras-chave: Terceiro; Campo Dêitico Digital; Linguística Textual; Tecnotextualidade.

ABSTRACT

The central aim of this study is to situate the notion of Third within the theoretical and methodological field of Brazilian Textual Linguistics (TL), addressing its implications in the digital context. Considering the scarcity of research exploring this phenomenon from a TL perspective, the aim is to fill this gap by articulating different theoretical perspectives in order to develop a theoretical-methodological design that considers the place of this actantial role. The rationale is based on Plantin's Dialogical Model (2008), which characterizes the Third Party as a passive participant in communicative interactions, and on Amossy's proposal (2017), which presents it as an actantial role in the polemical argumentative modality, in which the proponent and opponent dispute the adhesion of an audience. We also rely on the concept of text as a unit of communication and meaning in context, as discussed by Cavalcante et al. (2022). The research adopts the hypothetical-deductive method and takes a qualitative approach. Ten digital multisemiotic texts collected from posts on X and Instagram were analyzed, based on screenshots taken by the researcher. The data was examined from the perspective of the post-dualist and ecological approach to discourse, as discussed by Paveau (2021). The focus of the analysis is on technolinguistic phenomena, such as reach (views) and explicit engagement (likes, comments, shares, reposts and saves) in publications, aspects that combined can reveal the presence of the Third Party. Our central hypothesis is that the Third Party is initially a listener-spectator who passively observes the interaction between a speaker and an interlocutor in the digital deictic field (Martins, 2024), but who can later take an active role in the communicative circuit by engaging through a technolinguistic gesture, influencing the construction of meanings in technotextuality. This study highlights the importance of the role of the Third Party in the digital environment, making a significant contribution to text and discourse studies.

Keywords: Third; Digital Literary Field; Textual Linguistics; Technotextuality.

RÉSUMÉ

L'objectif central de cette étude est de situer la notion de tiers dans le champ théorique et méthodologique de la linguistique textuelle brésilienne (TL), en abordant ses implications dans le contexte numérique. Compte tenu de la rareté des recherches explorant ce phénomène du point de vue de la TL, l'objectif est de combler cette lacune en articulant différentes perspectives théoriques afin de développer une conception théorico-méthodologique qui prend en compte la place de ce rôle actantiel. Le raisonnement s'appuie sur le modèle dialogique de Plantin (2008), qui caractérise le Tiers comme un participant passif dans les interactions communicatives, et sur la proposition d'Amossy (2017), qui le présente comme un rôle actantiel dans la modalité argumentative polémique, dans laquelle le promoteur et l'opposant se disputent l'adhésion d'un auditoire. Nous nous appuyons également sur le concept de texte en tant qu'unité de communication et de signification en contexte, tel que discuté par Cavalcante et al. (2022). La recherche adopte la méthode hypothético-déductive et une approche qualitative. Dix textes numériques multisémiotiques recueillis à partir de posts sur X et Instagram ont été analysés, sur la base de captures d'écran réalisées par le chercheur. Les données ont été analysées dans la perspective de l'approche post-dualiste et écologique du discours, telle que discutée par Paveau (2021). Les analyses se concentrent sur des phénomènes technolinguistiques tels que la portée (vues) et l'engagement explicite (likes, commentaires, partages, reposts et sauvegardes) dans les publications, des aspects qui, combinés, peuvent révéler la présence du tiers. Notre hypothèse centrale est que le tiers est initialement un auditeur-spectateur qui observe passivement l'interaction entre un locuteur et un interlocuteur dans le champ déictique numérique (Martins, 2024), mais qui peut ensuite jouer un rôle actif dans le circuit communicatif en s'engageant par un geste technolinguistique, influençant ainsi la construction des significations dans la technotextualité. Cette étude souligne l'importance du rôle du tiers dans l'environnement numérique et apporte une contribution significative aux études sur le texte et le discours.

Mots-clés: Tiers; Champ discursif numérique; Linguistique textuelle; Technotextualité.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Publicação sobre criminalização do aborto.....	25
Figura 2 - Comentários em resposta ao post.....	26
Figura 3 - Resultados de busca da BDTD (print de tela).....	42
Figura 4 - Abertura dos jogos olímpicos em Paris (2024).....	50
Figura 5 - Polêmicas sobre os jogos olímpicos de Paris.....	51
Figura 6 - Página inicial no <i>X</i>	52
Figura 7 - Cristão não assiste filme da Barbie.....	56
Figura 8 - Combo BurgerKing temático da Barbie.....	57
Figura 9 - Lagoa Rosa (Pernambuco).....	57
Figura 10 - <i>Doodle</i> do <i>Google</i> personalizado para o <i>Live-action</i> da Barbie.....	57
Figura 11 - Publicação em resposta ao público evangélico.....	59
Figura 12 - Sobre contagem de visualizações no <i>X</i>	60
Figura 13 - <i>Story</i> e visualizações no <i>Instagram</i>	62
Figura 14 - Terceiro observador.....	66
Figura 15 - Publicação com intervenção dos internautas.....	66
Figura 16 - Telespectadores do caos (Comentários).....	67
Figura 17 - Página inicial do perfil <i>@teucaos</i>	68
Figura 18 - Publicação sobre o fim da escala 6x1.....	71
Figura 19 - Comentários.....	71
Figura 20 - Repostagem da publicação inicial com comentário.....	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro-síntese: O Terceiro nas perspectivas dialética, retórica e lógica.....	30
Tabela 2 - Quadro: Compilação de trabalhos do Estado da Arte	41
Tabela 3 - Quadro modelo de questões norteadoras para uma análise textual.....	46
Tabela 4 - Questões para contextualização do terceiro em textos digitais.....	47
Tabela 5 - Quadro-síntese: aplicação do modelo de análise textual (Critério 1).....	54
Tabela 6 - Quadro-síntese: aplicação do modelo de análise textual (Critério 2).....	63
Tabela 7 - Quadro-síntese: aplicação do modelo de análise textual (Critério 3).....	69
Tabela 8 - Quadro-síntese: aplicação do modelo de análise textual (Critério 4).....	73
Tabela 9 - Quadro Norteador de Pesquisa.....	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

GELT - Grupo de Estudos em Linguística Textual

GIF - Graphics Interchange Format (Formato de Intercâmbio de Gráficos)

LT - Linguística Textual

PEC - Proposta de Emenda Constitucional

PROTEXTO - Grupo de Pesquisa em Linguística da UNILAB









QNP - Quadro Norteador de Pesquisa

STF - Supremo Tribunal Federal

UFC - Universidade Federal do Ceará

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

LISTA DE SÍMBOLOS

	Curtida-	Elemento de interação utilizado nas redes sociais como <i>X</i> e <i>Instagram</i> para expressar a apreciação dos seguidores ou usuários em geral pelo conteúdo de uma publicação ou ainda como forma de manipular o algoritmo em prol de mais conteúdos semelhantes, mesmo que não goste realmente da postagem.
	Salvar-	A função Itens salvos permite salvar publicações em uma <i>timeline</i> para acessá-los de forma rápida e fácil posteriormente.
	Responder-	Ícone de balão que fica abaixo da publicação para responder/comentar.
	Repostar-	Utilizado para compartilhar a publicação de outro usuário com seus seguidores.
	Compartilhar-	Significa enviar publicações para usuários fora do espaço de navegação que está sendo acessado, copiando o <i>link</i> e colando na área de transferência ou através de <i>e-mail</i> , <i>Whatsapp</i> ou <i>Facebook</i> .
	Arroba-	Elemento tecnolinguageiro dêitico (Martins, 2024) utilizado para mencionar seguidores ou outros usuários em comentários, <i>story</i> , etc.
	<i>Views</i> -	Número de visualizações ou alcance das postagens.
	<i>Hashtag</i> -	Segundo o dicionário <i>Oxford</i> , este símbolo é utilizado antes de palavras ou frases, as quais se tornam hiperlinks para identificar assuntos discutidos ou conteúdos que se deseja indexar em redes sociais como <i>Instagram</i> , <i>Tik Tok</i> , <i>Facebook</i> e <i>X</i> .

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	O LUGAR DO TERCEIRO EM DIFERENTES CONCEPÇÕES.....	22
2.1	Origem no Modelo Dialogal.....	22
2.1.1	<i>O Terceiro na Modalidade Argumentativa Polêmica.....</i>	24
2.1.1.1	<i>O terceiro nas perspectivas Dialética, Retórica e Lógica.....</i>	27
3	CONCEITOS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL.....	34
3.1	Texto e Contexto.....	34
3.2	Enunciação e Interação.....	35
3.2.1	<i>Interatividade em contexto digital.....</i>	36
4	METODOLOGIA.....	40
4.1	Decisões metodológicas.....	40
4.1.1	<i>Caracterização do tipo de pesquisa.....</i>	41
4.1.2	<i>Delimitação do universo e da amostra.....</i>	44
4.1.3	<i>Técnicas de levantamento de dados.....</i>	44
4.1.4	<i>Procedimentos de análise de dados.....</i>	45
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	49
5.1	O terceiro ouvinte-espectador.....	49
5.1.1	<i>A presença do terceiro com base no alcance.....</i>	55
5.2	De terceiro à interlocutor.....	66
5.2.1	<i>O terceiro na construção de sentidos dos textos digitais.....</i>	71
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
	REFERÊNCIAS.....	79
	APÊNDICE.....	83
	ANEXOS - EXEMPLÁRIO.....	86

1 INTRODUÇÃO

Dentro do escopo teórico-metodológico da Linguística Textual (doravante, LT), iniciamos o estudo sobre o terceiro no contexto da modalidade argumentativa polêmica, conforme explorado por Ruth Amossy (2017). A autora identifica o terceiro como parte de uma estrutura actancial que “envolve um Proponente e um Oponente em face de um Terceiro” (p. 56). Nesse cenário,

esses papéis sociais são exercidos por locutores e interlocutores, como atores sociais, que se identificam como o proponente de uma tese e que, por consequência, colocam o outro como o oponente, por defender uma tese contrária. A modalidade polêmica faz mostrar, assim, uma arena dividida em dois lados que se polarizam na interação. Os participantes que não são locutores nem interlocutores, porque não têm direito à fala, são chamados de terceiro, aquele que acompanha o dissenso, mas de cuja posição não se sabe ao certo, já que ele não fala, só assiste ao debate (Cavalcante *et. al.*, 2022, p.126).

A polêmica é caracterizada como a argumentação que se funda no dissenso, isto é, um debate inconciliável em que os participantes da encenação ao invés de tentarem persuadir um ao outro, mobilizam todas as suas empreitadas argumentativas, desqualificando e/ou deslegitimando a tese ou a pessoa do outro, para, simultaneamente, buscar a adesão do terceiro a uma ou outra tese. Assim, o terceiro torna-se o foco das investidas discursivas, mesmo que sua presença seja implícita e não verbalizada. Esse ponto de vista sobre o terceiro é importante para a nossa pesquisa, porque vai de encontro ao nosso entendimento de que ele é um participante que inicialmente isenta-se da fala.

Isso torna-se relevante sobretudo nos ambientes virtuais de interação, nos quais o linguageiro e o tecnológico se misturam em diferentes níveis de hibridização. Martins (2024) destaca a importância de considerar o ambiente digital como um espaço de múltiplos campos dêiticos, onde a posição do terceiro é fundamental para a construção de sentidos. A autora propôs um conceito ampliado de dêixis, adaptando-o ao ambiente digital, onde as coordenadas dêiticas tradicionais (*ego-hic-nunc*) são expandidas para incluir aspectos de interação humano-máquina. Ela argumenta que o campo dêitico digital não é estático, mas dinâmico, sendo constantemente redefinido pela interação entre os participantes humanos e não humanos, como assistentes virtuais e algoritmos que afetam o fluxo comunicativo.

Para Martins (2024), o conceito de "camadas enunciativas" — diferentes níveis de enunciação que coexistem no mesmo evento textual — é essencial para entender as complexas interações no campo dêitico digital. Essas camadas permitem que o terceiro alterne entre as posições de observador e participante, dependendo de como ele escolhe interagir com o conteúdo dos tecnotextos.

Contudo, a ideia de um participante silencioso que influencia o curso do debate não é nova. Amossy (2017) buscou inspiração na obra “*L’argumentation*”, de Cristian Plantin (1996), onde surgiram as discussões sobre a temática. Sob esse olhar, a argumentação foi definida como uma situação tripolar, com três actantes (Proponente, Oponente e Terceiro), mas diferentemente do que vemos na polêmica, aqui os papéis argumentativos são distribuídos em função da noção de pergunta argumentativa. Na abordagem de Plantin, os papéis não são fixos, mas podem ser redistribuídos ao longo da interação. Percebemos esse fenômeno também de modo especial no contexto digital, em que o terceiro pode facilmente se tornar interlocutor ao engajar-se tecnolinguagemmente.

Damasceno-Morais (2022), que também têm contribuído para a compreensão do conceito de terceiro, apresenta um quadro farto de autores para respaldar suas discussões, incluindo Amossy (2017) e Plantin (1996). O autor analisou a figura do terceiro sob diferentes perspectivas teóricas, como a retórica, a filosofia, a argumentação e a linguística textual. Sua pesquisa revelou que, embora a figura do terceiro seja reconhecida em múltiplos contextos, ainda não há um consenso claro ou uma definição única para esse participante tão relevante nas interações, evidenciando a necessidade de aprofundar a investigação sobre o assunto.

No cenário brasileiro, a LT tem se desenvolvido com uma ênfase particular no contexto digital, destacando-se estudos como os de Cavalcante *et al.* (2022), que investigam como a interação digital modifica a dinâmica argumentativa tradicional, criando novas formas de engajamento. Essa linha de pesquisa revela que o digital não apenas transforma a comunicação, mas também desafia conceitos clássicos, como o de locutor, interlocutor e terceiro, especialmente devido aos recursos tecnolinguageiros que o ambiente digital oferece.

Nesse contexto, na presente pesquisa, nossa principal inquietação gira em torno da seguinte questão: Como podemos situar a noção de terceiro dentro do quadro teórico-metodológico da LT de abordagem brasileira? Sustentamos essa indagação com a hipótese de que no circuito comunicativo, quando um locutor assume a palavra, ele estabelece um interlocutor (Martins, 2014) e, ao mesmo tempo, antecipa a presença mesmo que silenciosa de um possível terceiro. Essa antecipação se torna especialmente relevante no ambiente digital, onde os elementos de interatividade desempenham um papel central na definição desse terceiro. Um exemplo notável é o fenômeno observado nas redes sociais, em que o número de visualizações frequentemente excede o número de engajamentos diretos, sugerindo a existência de uma audiência que, mesmo sem se manifestar, influencia a construção de sentidos e a comunicação discursiva. Com base nisso, nosso objetivo geral é

situar a noção de terceiro dentro do quadro teórico-metodológico da Linguística Textual, abordando suas implicações no contexto digital.

Portanto, nesse estudo, propomos considerar o terceiro não apenas como um espectador passivo, mas como um participante potencialmente ativo, que pode se envolver nas interações de maneira direta ou indireta. O alcance de postagens digitais é particularmente relevante em temáticas polêmicas ou populares, em que a presença do terceiro pode ser observada através de recursos tecnolinguageiros específicos. Para tanto, as redes sociais que oferecem o recurso de visualizações serão nosso principal foco de análise, permitindo identificar e descrever o comportamento deste participante, suas influências e efeitos nos processos de comunicação digital.

Nesse sentido, nosso questionamento central desdobrou-se em mais quatro indagações:

- A. Qual o papel do terceiro no ambiente digital?
- B. Como podemos flagrar a presença do terceiro no ambiente digital?
- C. Como a dinâmica digital pode manter à margem ou inserir o Terceiro na interação?
- D. De que maneira o terceiro influencia na construção de sentidos em textos digitais?

Para responder essas questões, elaboramos as respectivas hipóteses:

- A. Defendemos que o terceiro é um ouvinte-espectador das interações digitais, mesmo que apenas inicialmente e precisa corresponder a uma instância para além do locutor e do interlocutor (Cavalcante *et al.*, 2022).
- B. Notamos que o alcance (número de *views*) das publicações é frequentemente superior ao engajamento explícito (número de curtidas, comentários, compartilhamentos e etc.), por isso acreditamos que essa diferença pode remeter ao público que acompanha as interações nas redes sociais nos bastidores, sem se envolver. Hipotetizamos ainda que isso acontece, entre outros motivos, porque muitos usuários se sentem mais seguros de possíveis julgamentos no anonimato, já que qualquer forma de engajamento é rastreável.
- C. Quando o terceiro realiza um gesto tecnolinguageiro (responder, repostar, curtir, salvar ou compartilhar) ele se torna interlocutor do autor da postagem. Esses recursos de engajamento são responsáveis por gerar rotatividade dos papéis de terceiro e interlocutor nas interações. Dessa forma, o terceiro que antes era excluído, se torna

um participante ativo do circuito comunicativo. Essas considerações complementam a definição de terceiro no ambiente digital.

- D. Ao realizar um gesto tecnolinguageiro, como curtida, comentário etc, o terceiro adentra a interação e deixa de ser apenas um participante indireto do circuito, impactando de forma irreversível a interação digital e conseqüentemente a construção de sentidos entre os interlocutores.

Cada uma destas hipóteses corresponde aos seguintes objetivos específicos:

- A. Caracterizar o papel do terceiro no ambiente digital.
- B. Identificar quais e como os recursos tecnolinguageiros são responsáveis por flagrar a presença do terceiro no ambiente digital.
- C. Analisar como os gestos tecnolinguageiros repercutem na definição do terceiro em interações digitais.
- D. Descrever quais aspectos tecnolinguageiros evidenciam a influência do terceiro na construção de sentidos da tecnotextualidade.

Por conseguinte, a principal motivação para a elaboração destes objetivos e a conseqüente realização desta pesquisa reside na lacuna teórica existente nos estudos da linguagem, especialmente na Linguística Textual, quanto à definição e ao papel do terceiro nas interações digitais. Damasceno-Morais (2022) já apontou para a ausência de um consenso claro sobre o conceito de terceiro, destacando a necessidade de um estudo aprofundado sobre esse participante crucial. Ao situar a noção de terceiro no escopo da LT, este estudo pretende contribuir para o desenvolvimento teórico da área, oferecendo um quadro analítico robusto que poderá ser utilizado em futuras investigações sobre a comunicação digital e a análise da tecnotextualidade.

Ao final desta pesquisa, espera-se proporcionar uma maior compreensão do papel do terceiro nas interações digitais, detalhando como os gestos e outros elementos tecnolinguageiros influenciam na sua manifestação e relevância. Com essa finalidade, esta dissertação foi organizada da seguinte forma:

No segundo capítulo, intitulado “O lugar do terceiro em diferentes concepções”, realizamos revisão da literatura de conceitos clássicos, abordando onde surgiu a designação de terceiro e quais autores tomaram esse modelo por inspiração. Veremos como nosso fenômeno investigativo é construído em torno da noção de pergunta argumentativa, do quadro de papéis actanciais e como alvo de influência persuasiva na dicotomização profunda

de teses na polêmica. Por fim, nos debruçamos nas reflexões um tanto recentes que sumarizam o terceiro em três perspectivas teóricas completamente distintas: dialética, retórica e lógica.

No terceiro capítulo, “Conceitos da Linguística Textual”, discorremos sobre os principais pressupostos da abordagem brasileira que estuda o texto, na vertente do grupo de pesquisa PROTEXTO, os quais levantamos para direcionar nossas reflexões e análises. Uma destas noções é a de texto, assumido como unidade de comunicação e sentido em contexto (Adam, 2019), porque está ligada intrinsecamente aos acontecimentos sócio-históricos e culturais, indispensáveis à comunicação. Evocamos ainda acepções caras ao estudo do discurso nativo digital, tal como postulado na abordagem ecológica por Paveau (2021, 2013), como a ideia de tecnodiscursividade.

Em seguida, no quarto capítulo, apresentamos a metodologia adotada e detalhamos a natureza da pesquisa, delimitação do universo e da amostra que foi analisada, técnicas de levantamento de dados e procedimentos de análise que elegemos.

No quinto capítulo, “Análise e Discussão”, a análise dos dados será apresentada e discutida, com destaque para os resultados obtidos e a interpretação dos efeitos do terceiro nas interações digitais.

Finalmente, no capítulo de considerações finais, concluiremos o trabalho com as contribuições teóricas e práticas da pesquisa, apontando direções para estudos futuros.

2 O LUGAR DO TERCEIRO EM DIFERENTES CONCEPÇÕES

Neste capítulo, abordamos alguns empreendimentos teóricos fundamentais para iniciar as discussões acerca do lugar que o “terceiro” ocupa em algumas concepções. Dentre eles, podemos citar: o Modelo Dialogal de Plantin (2008) e o conceito de Polêmica de Amossy (2017).

Além disso, discorreremos sobre outros autores que falam a respeito do tema considerando o artigo desenvolvido por Damasceno-Morais (2022). O autor lança mão de abordagens diversas a fim de mapear pontos de vistas que ao menos se aproximem do que se entende por terceiro e articula três perspectivas diferentes para esse fenômeno: a Perspectiva Dialética, que concebe o terceiro como um alocutário indireto, como um mediador e como um papel de atuação; a Perspectiva Retórica, que o enxerga como um auditório transcendental, como uma espécie de seta direcionada a um alvo, como um tropo comunicacional e, ainda, como um árbitro-juiz; e a Perspectiva Lógica, que o percebe unicamente sob a égide do terceiro excluído.

A seguir, iniciamos as discussões deste capítulo com a abordagem do Modelo Dialogal.

2.1 Origem no Modelo Dialogal

Cristian Plantin (1996) apresenta a concepção de Modelo Dialogal da argumentação como alternativa à perspectiva lógica do diálogo desenvolvida por Hamblin (1970) e ao modelo normativo da argumentação, amparado pela abordagem pragmatológica de Van Eemeren e Grootendorst (1984), em que os dois teóricos sintetizam os modelos pragmático-conversacionais. Trata-se de uma resposta “à insatisfação decorrente dos modelos puramente monológicos da argumentação que surgiu pelo menos desde os anos 1980” (Plantin, 2008, p.65) que também sugere “repensar a atividade argumentativa em um quadro ampliado, no qual a enunciação está situada sob o pano de fundo do diálogo” (*Ibidem*, p.63).

O autor utiliza a afirmação de que “a argumentação é um modo de discurso puramente dialógico, [...] um discurso pelo qual os locutores defendem posições discutíveis” (Schinffrin, 1987, p.17-18) para orientar sua visão teórica com o propósito de “articular um conjunto de noções que permitem levar em conta esse aspecto biface da atividade argumentativa” (Plantin, 2008, p.65).

Na visão de Plantin (2008), o diálogo presume sempre “o face a face, a linguagem oral, a presença física dos interlocutores e a contínua sequência de réplicas relativamente

breves” (p.65). Esse olhar sobre seu caráter prototípico foi inspirado, principalmente, nas teorias sobre interação verbal de Kerbrat-Orecchioni (1990).

Outro teórico convocado é Oswald Ducrot (1987), quanto à teoria polifônica da enunciação, com o objetivo de ampliar a concepção de argumentação dialogada ao discurso monolocutor (Plantin, 2008, p.65).

Uma ressalva importante é que o Modelo Dialogal como estabelecido por Plantin (1996) não pode se confundir com a perspectiva de dialogismo de Bakhtin, pois assume a visão ducrotiana de polifonia no que tange à presença de vozes múltiplas no enunciado de um único locutor em detrimento da natureza dialógica constitutiva da linguagem, de acordo com a teoria bakhtiniana, na qual o enunciado concreto “não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas” (Bakhtin, 2003 [1952, 1953], p.300).

Partimos agora para a discussão da noção de Pergunta Argumentativa que está atrelada ao conceito de Papéis Argumentativos, no qual a designação de terceiro foi mencionada pela primeira vez, “mas não pensada em termos de comunicação, como um participante indireto, sem direito a fala”. (Cavalcante *et. al*, 2022, p. 37). O autor define o terceiro enquanto papel¹ em uma situação argumentativa tripolar com: um Proponente, um Oponente e um Terceiro. Cada um desses papéis actanciais equivale a um discurso particular. O Proponente sustenta um discurso de proposição em contrapartida de um discurso de oposição defendido pelo Oponente e finalmente, o Terceiro que determina o discurso da dúvida. Assim, seu papel gira em torno da pergunta argumentativa. Plantin (2008, p.69) demonstrou como essa ideia é construída ao redor da seguinte questão:

- “*Deve-se legalizar o uso de drogas?*”

Dois discursos são possíveis no ato de Propor. O primeiro deles é: - “*Atualmente, em muitos países, o comércio, a posse e o consumo de drogas são proibidos*” (Plantin, 2008, p.69). Uma segunda opinião que também se encaixa como dominante, mas oposta a esta primeira, seria: - “*Legalizemos o consumo de alguns produtos, por exemplo, a maconha!*”.

No que tange ao ato de Opor-se, temos os locutores que resistem às proposições sobre o assunto: - “*Isso é um absurdo!*”

Entretanto, haverá locutores que não assentem nenhum dos discursos e assumem a posição de Terceiro, transformando assim a oposição em pergunta: - “*Não sabemos mais o*

¹ Vale fazer a distinção entre ator e papel actancial. No Modelo Dialogal, as instâncias que compõem a situação argumentativa (Proponente, Oponente e Terceiro) correspondem a papéis discursivos e não a atores concretos (Plantin, 1991, 1996, 2008a)

que pensar. É necessário manter a proibição de todos esses produtos?”. Para o autor, o Terceiro é a instância que se responsabiliza pela questão e que “julga a pertinência das argumentações” (Plantin, 2008, p.77).

Desse modo, a noção de pergunta argumentativa “é produzida pela contradição discurso/contradiscurso” (Plantin, 2008, p.69), na qual os argumentos construídos pelo Proponente e pelo Oponente devem responder a “perguntas que organizam um conflito discursivo” (Plantin, 2008, p.69).

Em nossa perspectiva, a construção da argumentação nos textos e interações não depende da dúvida ou questão levantada pelo Terceiro, pois acreditamos que todos os discursos possuem uma dimensão argumentativa, mesmo que em diferentes modalidades (Amossy, 2011, 2018), nas quais o locutor busca influenciar os modos de ver, pensar e sentir do interlocutor e do terceiro que pode estar ou não presente. Uma dessas modalidades é a polêmica em que Amossy (2017) adota o mesmo esquema de papéis argumentativos.

2.1.1 O Terceiro na Modalidade Argumentativa Polêmica

Inicialmente, é preciso recuperar a concepção de argumentação de Amossy (2018), segundo a qual todo discurso visa influenciar de alguma forma a maneira de ver, pensar e sentir do interlocutor. Pensando nessa dimensão argumentativa constitutiva de todo discurso é que a autora fala em diferentes modos de argumentar dispostos em um continuum que vai do acordo² ao dissenso total, traço definidor da modalidade argumentativa polêmica.

Amossy (2017) caracteriza a encenação da polêmica com base no Modelo Dialogal de Plantin (1996). Entretanto, a autora acrescenta a essa definição um olhar também interacional. Ela define a polêmica como uma das modalidades argumentativas, a que é construída “[...] no debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios das sociedades mais ou menos importantes numa dada cultura”. (p.49). De modo geral, pode ser compreendida em sua essência como um choque profundo entre opiniões (teses) antagônicas, sendo por isso “[...] indissolavelmente ligada ao desacordo”. (p.17). Os participantes da interação, agora adversários, instauram uma “operação de polarização” (p.56), pela qual buscam tanto deslegitimar o discurso, quanto desqualificar a pessoa um do outro, mesmo quando sabe que nada o fará mudar de posicionamento, mas com

² As modalidades argumentativas postuladas por Amossy (2018) que possuem o acordo como centro do discurso são: modalidade de co-construção; modalidade pedagógica; modalidade negociada; modalidade patêmica; modalidade demonstrativa.

o fim último de persuadir o Terceiro. Ele é o alvo de todas as empreitadas do Proponente e do Oponente. Tomemos como exemplo a seguinte ilustração retirada de um perfil no X:

Figura 1 - Publicação sobre criminalização do aborto.



Fonte: X.

Essa postagem surgiu como resposta ao parecer favorável de Rosa Weber³ no Supremo Tribunal Federal a favor da descriminalização do aborto até a 12ª semana de gravidez, no julgamento de uma ação que começou no plenário virtual da Corte. Esse acontecimento foi responsável por atualizar a questão discursiva polêmica (Brito, 2018) em torno do aborto no Brasil e consequentemente, polarizar duas teses antagônicas.

Figura 2 - Comentários em resposta ao post

³ Rosa Maria Pires Weber foi ministra do Supremo Tribunal Federal (2011-2023), dentro desse intervalo de período foi também presidente do tribunal (2022-2023). Na atualidade, exerce a função de integrante do Tribunal Permanente de Revisão do Mercosul.



Fonte: X.

De um lado, temos os que defendem Rosa Weber e a colocam como uma defensora dos direitos das mulheres menos favorecidas (“Ela foi muito corajosa”). Do outro lado, temos um internauta que enxerga no discurso da ministra “um triste fim de carreira”, já que ela tinha iniciado o processo de aposentadoria.

Vemos que os usuários mantêm suas posições firmes, mesmo com as refutações e contra-argumentos um do outro, pois como já falamos, o objetivo da polêmica é encenar um teatro argumentativo que chame atenção dos usuários fora da interação para que ao final, eles decidam assentir um ou outro ponto de vista.

Existem, portanto, duas maneiras de considerar o terceiro: ou como um papel actancial, observando como o sujeito se coloca em termos de papéis argumentativos de Proponente, Oponente ou Terceiro; ou como uma função de participantes da interação entre de Locutor, Interlocutor e Terceiro (aquele que não toma a vez de fala). Sob o primeiro ponto

de vista, o do Terceiro como papel actancial, “em uma interação concreta, o mesmo papel actancial pode ser desempenhado por vários atores”, como afirma Plantin (2008, p.79).

2.1.1.1 O terceiro segundo as perspectivas Dialética, Retórica e Lógica

Na perspectiva dialética, concebida como uma espécie de “jogo a dois”, o terceiro é visto “[...] como aquele que, de alguma forma, está envolvido em uma troca verbal, em carne e osso, imbuído ou não de resolver um conflito e afeito a regras de participação em uma interlocução”. (Damasceno-Morais, 2022, p.3). Guiado por esse pensamento, o autor sugeriu entender o Terceiro de três maneiras: alocutário indireto, mediador e papel actancial.

O Terceiro como alocutário indireto é aquele a quem “nos dirigimos indireta, mas presencialmente”. (Damasceno-Morais, 2022, p. 4). Esse tópico foi explorado por estudos na área da pragmática com foco nas interações verbais. Consoante essa visão, é preciso que haja um diálogo entre pelo menos duas pessoas e que este aconteça *in praesentia*. Porém, o autor entende que essa interlocução pode ocorrer de forma menos direta, em que o Terceiro é visto como um público que “[...] está presente fisicamente mesmo quando não diretamente interpelado”. (Damasceno-Morais, 2022, p. 4). Essa percepção do Terceiro de Damasceno-Morais (2022), como aquele que não pode ser diretamente interpelado, aproxima-se da visão interacional já pleiteada por Kerbrat-Orecchioni, em certa medida, adotada por Amossy (2017).

Partindo do pressuposto bakhtiniano de que todo texto e/ou discurso é dialógico, ou seja, é produzido em exercício constante de comunicação, no atravessamento por vozes diversas, Damasceno-Morais (2024, p. 4) compreende que essa só será uma condição que garante a presença de um alocutário indireto se considerado através de uma interação efetiva. Inspirado em Kerbrat-Orecchioni (2011), por fim, ele conclui que o Terceiro qualificado sob esse título é “alguém que pode influenciar o comportamento do locutor, em tempo real, e não de forma meramente idealizada, como na concepção de ‘auditório’ problematizada nas lições da Nova Retórica”. (p. 4)

Dentre os exemplos apresentados para explicar essa primeira acepção, podem-se citar as “batalhas de sangue” entre *rappers* e público, os quais têm a função de direcionar a interação através de gritos, aplausos, vaias ou silêncio e, no final das contas, escolher o ganhador do combate de *rap*.

Na segunda categoria, o Terceiro como “mediador” é alguém que se coloca como um sujeito terceiro “em um processo de litígio entre dois contendores” (Flores, 2019). A *third*

party, como é chamada no meio jurídico, é a pessoa encarregada de facilitar, de forma neutra, o processo de discussão entre dois lados com opiniões divergentes sobre determinado assunto, o qual gerou um desacordo que as partes envolvidas não conseguem solucionar sozinhas (*van Eemeren; Houtlosser, 2005*). Vale salientar, diz o autor, que esse terceiro não tem o poder de decidir, como um juiz, mas visa auxiliar em encontrar uma solução que beneficie ambos os lados.

Esta definição de sujeito mediador em uma contenda não interessa aos propósitos de nossa pesquisa. Mas, a título de esclarecimento, mencionamos uma ilustração que foi apresentada por Laar e Krab (2018). Trata-se de um caso de desacordo entre pais divorciados que reivindicam a guarda dos filhos. Os autores utilizam a fórmula ‘topos - aplicação - conclusão’ para explicar a construção argumentativa do discurso dos pais. Cada um se autoqualifica como um pai ou mãe exemplar, que faz o melhor pelos filhos (topos), e defende a premissa de que “pais modelos devem cuidar dos filhos” (aplicação). Logo, a guarda das crianças deve ser entregue a quem preenche esses requisitos (conclusão). Depois disso, a pessoa designada como mediador deve ponderar juntamente com o pai e a mãe qual a melhor alternativa para a família como um todo. A função do terceiro aqui é não se deixar levar pelo calor das emoções (Carozza, 2007), segundo Damasceno-Morais (2022).

A última classificação de Terceiro dada pelo autor, no âmbito da perspectiva dialética, é voltada a um papel actancial, em que pessoas concretas ou de “carne e osso”, como o prefere, assumem uma posição dentro de uma situação interativa, bem como ocorre no Modelo Dialogal (Plantin, 1996; 2016), já mencionado no início desta discussão. Aqui, o terceiro instiga “a postura arbitral, exprimindo dúvidas, exigindo reformulações, fazendo avaliações ou simplesmente incitando a continuação da discussão” (Damasceno-Morais, 2024, p.8).

Finalizando sua exposição nesse ponto, o autor sublinha que sua função pode ultrapassar a de simples apresentador, como, por exemplo, na interação entre magistrados num tribunal de Segunda Instância, em que é difícil conceder um certo “preço” à dor de *outrem*. Na qualidade de avaliador, ele não só tem de analisar opiniões diferentes, como ainda deve direcionar o debate para que os responsáveis “[...] encontrem um valor monetário, em meio a valores também morais, para um ato ilícito, sobretudo em momentos de conflito aberto, em que situações de debate lembram uma negociação”. (*Ibidem*, p.9). Esta perspectiva de Terceiro como “árbitro” dentro de uma questão conflituosa não assume, portanto, um posicionamento, mesmo que pareça neutro. Também esse papel actancial de “árbitro” não

será considerado como relevante para a nossa pesquisa, pois compreendemos que o Terceiro enquanto observador passivo nos tecnotextos que analisamos.

Na perspectiva retórica, por seu turno, o terceiro foi contemplado com base nos ideais da Nova Retórica, de Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2014), mas também é influenciado pelos estudos de Stephen Toulmin (1993), por apresentarem abordagens “[...] mais bem adaptadas à análise da argumentação e da retórica cotidiana em contraposição ao que propunha a lógica estritamente formal e matemática”. (*Ibidem*, p.9). Nesse contexto, o terceiro foi explorado sob quatro enfoques: como auditório transcendental, como uma seta direcionada a um alvo, tropo comunicacional e árbitro.

O Terceiro como auditório transcendental é como uma extensão do próprio auditório universal de Perelman (2014), tendo em vista que ele não é formado obrigatoriamente por aqueles que o orador interpela diretamente. É possível, contudo, considerá-lo como o “conjunto daqueles que o orador visa influenciar” (Perelman; e Olbrechts-Tyteca, 2014, p.22), e a quem se dirige direta ou indiretamente. Essa definição, contudo, é ampla demais e abarca tanto o interlocutor quanto o participante indireto, por isso não podemos adotá-la.

Em um segundo olhar retórico, Damasceno-Morais (2022) compreende o Terceiro como uma seta direcionada a um alvo, e o exemplifica com a interlocução em redes sociais, nas quais algumas polêmicas são atualizadas e dão origem a uma onda de ataques, geralmente, contra uma figura pública ou um anônimo, já que a polêmica pode eclodir de um conflito inicialmente privado (Amossy, 2017). Os usuários terceiros são os que, fora da interação, podem decidir o alcance das empreitadas virulentas. Essa descrição do Terceiro seria, portanto, uma das possibilidades da definição desse papel social proposta por Amossy (2017), por isso importa para nossos estudos.

Uma visão de Terceiro que converge para esta última perspectiva é a que se dá no que Kerbrat-Orechioni (2006) chama de “tropo conversacional” (quando o verdadeiro participante a quem a fala é endereçada é, na verdade, um destinatário indireto – o Terceiro). Esse participante da interação seria, para a autora, invisível e indireto. Um exemplo clássico é o debate televisivo, cuja argumentação construída ali não visa os interlocutores imediatos, no caso, com uma interação de candidato para candidato, porém é ampliada para os destinatários principais, os telespectadores que detêm o poder de voto (Camelo, 2018).

Para terminar o quadro da perspectiva retórica, temos o terceiro, mais uma vez, como árbitro-juiz, que julga a partir de “dois pontos de vistas antagônicos” (Angenot, 2008) e que deve esboçar um posicionamento a respeito, e ainda o juiz imparcial e “beneficiário da dialética”, dentro da qual ele é o terceiro termo e irá entregar um veredito plausível

(Frison-Roche, 1995). Uma observação importante é referente ao juiz terceiro imparcial, o qual em nada pode ser afetado pelo envolvimento afetivo com o caso julgado, pois, segundo Damasceno-Morais (2019), ele não pode se desvincular-se de “sua experiência pessoal na formação do entendimento de uma sentença, sem que isso signifique um movimento falacioso no processo jurídico” (Damasceno-Morais, 2024, p.16).

Para concluir o tripé teórico, temos a perspectiva lógica, situada no campo das proposições evidentes, em que “se transfere a verdade (ou falsidade) das premissas à conclusão” (Damasceno-Morais, 2024, p.17). Nessa abordagem, a única noção de terceiro possível é a de terceiro excluído, pela qual, segundo Velasco (2020, p.94), “[...] se uma proposição é verdadeira, a sua negação é falsa e, se uma proposição é falsa, a sua negação é necessariamente verdadeira. Destarte, exclui-se uma terceira possibilidade”. Essa noção de terceiro excluído não está, como vemos, relacionada à interação entre participantes, por isso não a utilizaremos.

Abaixo, reumimos em um quadro-síntese os diferentes sentidos de Terceiro atribuídos por Damasceno-Morais (2022) em cada uma das perspectivas abordadas em sua discussão.

Quadro-síntese: O Terceiro nas perspectivas dialética, retórica e lógica.

PERSPECTIVAS	OS SENTIDOS DE TERCEIRO		
DIALÉTICA	Alocutário indireto	Mediador	Papel de atuação
	“[...] aquele a quem nos dirigimos indireta, mas presencialmente” (p.10). Exemplos: A interlocução entre advogados e jurados em um tribunal de júri (p. 11).	“[...] visa auxiliar meramente na resolução de uma contenda jurídica em que se escutam os dois lados oponentes” (p.12). Exemplo: “[...] um caso banal de desacordo entre divorciantes em conflito em função da guarda de seus filhos.” (p. 12).	Atua “[...] como combustível da dissonância de pontos de vista: “essa figura dá vida à questão argumentativa e impulsiona o contato entre os pontos de vista contrários” (PLANTIN, 2016, p. 527, tradução nossa), mobilizando a postura arbitral, exprimindo dúvidas, exigindo reformulações, fazendo avaliações ou simplesmente incitando a continuação da discussão. [...] pode se desdobrar em funções que extrapolam a de mero apresentador de uma dúvida em casos de interação entre magistrados num tribunal de Segunda Instância [...]” (p. 14).

RETÓRICA	Auditório transcendental	Seta direcionada a um alvo	Tropo comunicacional	Árbitro-juíz
	<p>O Terceiro como auditório transcendental é como uma extensão do próprio auditório universal de Perelman (2014), tendo em vista que ele não é formado obrigatoriamente e por aqueles que o orador interpela diretamente.</p>	<p>O Terceiro-testemunha que “escuta” atentamente as interações virulentas em redes sociais é responsável por garantir o sucesso dos ataques e cancelamentos contra um alvo específico.</p>	<p>“[...] aquele a quem indiretamente nos dirigimos”. [...] Camelo (2018) mostra que, num debate televisivo, por exemplo, a argumentação que ali ocorre não está direcionada aos interlocutores imediatos, ou seja, não se restringe na interação candidato-candidato, mas se expande para os destinatários principais, a saber, o público telespectador, que possui o poder de voto, no papel de terceiro” (p. 18).</p>	<p>“[...] aquele que escuta dois pontos de vista antagônicos e que deve se posicionar diante de duas antilogias (ANGENOT, 2008, p. 44),8 ou ainda “o juiz, terceiro imparcial e beneficiário da dialética da qual ele é o terceiro termo [e] vai apresentar a solução racional” (FRISON-ROCHE, 1995, p. 16, tradução nossa)” (p. 19).</p>
LÓGICA	Terceiro excluído			
	<p>“O princípio do terceiro excluído afirma que, se uma proposição é verdadeira, a sua negação é necessariamente falsa e, se uma proposição é falsa, a sua negação é necessariamente verdadeira. Destarte, exclui-se uma terceira possibilidade [...] Dessa forma, o princípio do terceiro excluído pode ser expresso princípios do terceiro excluído e da não contradição, ambos aceitos pela lógica clássica (VELASCO, 2020, p. 94, grifos nossos)” (p. 20).</p>			

Fonte: Elaborado pela autora com base em Damasceno-Morais (2022).

Como se percebe, a discussão em torno da noção de terceiro é complexa. O trabalho de Damasceno-Morais (2022) realizou um mapeamento detalhado das concepções que mais se aproximam e se distanciam, a seu ver, do que seja o Terceiro. O autor nos entregou muitas possibilidades de compreensão deste fenômeno. Embora sua discussão seja nosso ponto de partida, pretendemos delimitar nosso objeto de análise respaldando-nos nos estudos recentes de Linguística Textual em vigência no Brasil, a vertente desenvolvida pelo grupo PROTEXTO.

Diante dessas diferentes perspectivas, fica claro que a definição de terceiro varia significativamente de acordo com o enfoque adotado. O grupo de pesquisa PROTEXTO, ao qual este estudo se filia, assume uma abordagem que busca integrar essas diversas visões à luz da Linguística Textual, reconhecendo o terceiro como um participante fundamental nas interações digitais, especialmente em contextos tecnolinguageiros.

É importante destacar que, no contexto das redes sociais, o terceiro — aquele que não se manifesta explicitamente — pode ser medido através dos próprios recursos oferecidos pelas plataformas digitais. Um exemplo claro disso é o *X*, que exibe o número de acessos ou visualizações de uma postagem sem identificar individualmente os usuários que viram o conteúdo.

Esses indicadores, como o número de visualizações, revelam a presença silenciosa do terceiro, que acompanha e influencia a interação sem necessariamente se envolver ativamente por meio de curtidas, comentários ou compartilhamentos. Essa forma de medir a audiência não envolvida diretamente evidencia que o terceiro, embora não identificado pessoalmente, é um participante crucial na dinâmica comunicativa, já que sua presença gera impacto na circulação do conteúdo, no alcance das mensagens e, conseqüentemente, nas estratégias discursivas adotadas pelos interlocutores.

No ambiente do *X*, esse recurso de visualizações permite uma leitura quantitativa do impacto que uma postagem pode ter, mesmo quando o engajamento visível é limitado. Portanto, o terceiro se torna uma figura-chave para entender o comportamento discursivo e a construção de sentidos nas interações digitais, revelando que o silêncio ou a ausência de resposta direta também são formas de participação que configuram o circuito comunicativo. O terceiro, assim, não é apenas um espectador, mas alguém cuja presença influencia o discurso, mesmo quando se mantém silencioso.

Neste trabalho, o conceito de terceiro é entendido como uma figura dinâmica e multifacetada, que se posiciona entre a observação e a participação silenciosa, especialmente no ambiente digital. A noção de terceiro aqui não se limita à esfera da interação física e

direta, mas se estende ao contexto digital, onde as interações são mediadas por interfaces tecnológicas que ampliam as possibilidades de engajamento e de silêncio ativo. A partir dessa perspectiva, consideramos o terceiro um participante cujas ações, ou ausência delas, moldam o circuito comunicativo e as estratégias argumentativas empregadas pelos interlocutores.

Embora as perspectivas clássicas de Plantin, Amossy, e Damasceno-Morais ofereçam contribuições valiosas para a compreensão do terceiro, elas se mostram insuficientes para abarcar a complexidade das interações digitais analisadas à luz da Linguística Textual brasileira. A visão dialética tende a reduzir o terceiro a um mediador ou participante indireto, ignorando os efeitos profundos que o silêncio ou a presença invisível desse participante podem ter nas plataformas digitais. A perspectiva retórica, ao focar em um auditório universal, carece de especificidade no contexto de redes sociais, onde os destinatários são multifacetados e podem assumir papéis híbridos. Por fim, a abordagem lógica, com sua noção de exclusão, não permite a flexibilidade necessária para analisar a dinâmica fluida e fragmentada do ambiente digital. Portanto, ao desenvolver este estudo, priorizamos uma perspectiva que integra aspectos textuais e tecnolinguageiros, oferecendo uma compreensão mais adequada à realidade das interações digitais.

A seguir, discorreremos sobre alguns dos conceitos mais relevantes da abordagem teórico-metodológica da LT para nosso estudo e os quais fundamentam as análises pretendidas.

3 CONCEITOS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Este capítulo aborda os principais conceitos da Linguística Textual que sustentam a análise proposta neste estudo. A discussão começa com a definição de texto e de contexto, fundamentais para a compreensão da comunicação em contextos digitais. Em seguida, são explorados os conceitos de enunciação, interação e a complexidade da comunicação digital, especialmente considerando o papel do Terceiro.

3.1 Texto e Contexto

O primeiro conceito sobre o qual nos debruçamos é a noção de texto, objeto central de investigação da Linguística Textual. Segundo Adam (2019), o texto é compreendido como uma unidade de comunicação e de sentido em contexto. Essa definição destaca que um texto não pode ser visto isoladamente, mas deve ser entendido a partir da articulação de fatores contextuais e discursivos que possibilitam sua ocorrência.

Um exemplo esclarecedor é trazido por Cavalcante *et al.* (2022), ao citar o anúncio típico do "carro do ovo": "Olá, minha amiga dona de casa, está passando em sua rua o carro do ovo. Ovo baratinho e diretamente do produtor. Trinta ovos por apenas [...]. Você não pode perder." Este exemplo, mesmo sendo aparentemente simples, ilustra que o texto se constitui como uma unidade significativa e comunicativa, pois:

"[...] esse evento comunicativo ocorreu ali e então, com os profissionais envolvidos naquele gênero: anúncio publicitário de venda, com um locutor, que falava em nome do mercado, para possíveis interlocutores, ou prováveis consumidores do produto. O propósito de gêneros semelhantes a este é atingir esses possíveis destinatários, e influenciá-los a comprar os ovos anunciados, ou pelo menos levá-los a cogitar essa possibilidade" (Cavalcante *et al.*, 2022, p.16).

Portanto, todo texto é dialógico, pois envolve a antecipação de um interlocutor, considerando as expectativas de comunicação de um determinado contexto. Nesse sentido, Paveau (2021) argumenta que qualquer texto, independente do gênero, é produzido com o uso de recursos tecnológicos e visa provocar algum tipo de interação, projetando uma reação por parte do interlocutor, o que remete à ideia de atitude responsiva ativa, defendida por Bakhtin (1992).

Ademais, o contexto é uma noção indissociável do texto. Ele compreende os elementos que influenciam a interpretação dos interactantes, considerando tanto aspectos individuais quanto socioculturais. Sacks (1992) propõe que o cenário comunicativo vai além da situação imediata, englobando expectativas, entendimentos mútuos e condições históricas

que afetam a produção de sentidos. Essa ideia é reforçada por Schutz (1979), que considera o contexto uma unidade de sentido complexa, moldada pela memória discursiva e pelo conhecimento compartilhado entre os participantes.

No ambiente digital, o contexto assume características específicas. Paveau (2021) descreve que, em ecossistemas digitais, como *WhatsApp* ou redes sociais, o grau de intimidade entre os interlocutores pode dispensar certas informações contextuais. Em interações mais abertas, como as *lives* do *Instagram*, os participantes recorrem a gestos e elementos visuais que simulam a interação face a face. Já em mensagens instantâneas, o uso de *emojis* e outros recursos tecnolinguísticos facilita a comunicação sem a necessidade de contextos visuais explícitos.

Portanto, o contexto digital não se resume apenas à situação imediata ou às memórias coletivas, mas envolve a conjunção de fatores que emergem no acontecimento textual, sendo incorporados aos sentidos que os participantes recriam. O conceito de circuito comunicativo, inspirado no contrato social presumido por Charaudeau (2019), é particularmente relevante, pois considera o locutor como um ator social que instaura um cenário textual e define o interlocutor. Os papéis desempenhados por cada participante são influenciados pelas intenções e estratégias argumentativas que buscam persuadir ou influenciar o interlocutor e, indiretamente, o terceiro.

3.2 Enunciação e Interação

O conceito de enunciação é central para a Linguística Textual, pois se refere ao processo de produção do discurso em um contexto específico. Benveniste (1988) define a enunciação como o ato de transformar a língua em discurso, utilizando elementos dêiticos (*ego-hic-nunc*) que situam o discurso no tempo, espaço e entre sujeitos. Esses elementos são essenciais para a construção da relação entre locutor e interlocutor, e sua interpretação depende do contexto imediato da enunciação.

No ambiente digital, a enunciação adquire novas camadas de complexidade. O campo dêitico digital é um espaço onde locutores e interlocutores estão fisicamente separados, mas conectados virtualmente, e as relações espaço-temporais são mediadas por tecnologias. Martins (2024) explica que, no contexto digital, os dêiticos tradicionais se expandem para incluir elementos tecnodiscursivos, como menções (@), hashtags e notificações, que configuram a comunicação de maneira única e criam um campo dêitico digital dinâmico.

A interatividade digital permite que o "terceiro" participe de forma indireta e silenciosa, mas não menos significativa. O *X*, por exemplo, permite visualizar o número de acessos a uma postagem sem identificar individualmente os usuários, o que revela a presença do terceiro mesmo quando ele não se manifesta diretamente. Essa participação silenciosa é registrada por meio dos recursos da plataforma, criando uma forma de engajamento que influencia a construção de sentidos e estratégias argumentativas.

No campo dêitico digital, múltiplas camadas enunciativas podem coexistir simultaneamente. Em uma *live* no *Instagram*, por exemplo, o locutor fala diretamente para a câmera (eu-aqui-agora), enquanto os comentários e reações dos espectadores formam outras camadas de interação. Martins (2024) descreve esse fenômeno como "camadas enunciativas", nas quais o silêncio e a observação também são formas de participação. Esses elementos criam novas formas de enunciação, que são interpretadas de acordo com as características tecnológicas da plataforma.

3.2.1 Interatividade em contexto digital

No contexto digital, a interatividade representa um dos principais diferenciais em relação à comunicação tradicional. Essa forma de interação é caracterizada pela capacidade dos interlocutores de não apenas receber, mas também de modificar, responder e recriar informações através de recursos tecnológicos. A comunicação digital é, portanto, uma construção colaborativa e dinâmica, pela qual o sentido é continuamente negociado entre os participantes.

De acordo com Martins (2024), a interatividade digital altera a tradicional relação de comunicação entre locutor e interlocutor, introduzindo a figura do Terceiro, que pode participar de forma invisível ou manifesta no circuito comunicativo. No *X*, por exemplo, a plataforma oferece mecanismos de engajamento, como curtidas, *retweets*, respostas e, especialmente, o número de visualizações, que permitem medir a audiência de uma postagem mesmo quando os participantes não interagem diretamente. Essa métrica de visualização é um indicador crucial da presença do Terceiro, revelando que, mesmo em silêncio, o público está presente e ativo, influenciando indiretamente as estratégias discursivas do locutor.

Martins (2024) introduz o conceito de tecnotextualidade, que se refere à textualidade mediada por tecnologias, onde a produção e recepção de sentido dependem de elementos específicos do ambiente digital. A autora sugere que, em tecnotextos, o Terceiro assume um papel essencial, já que a visibilidade do conteúdo não é garantida apenas pelo locutor, mas

pelo algoritmo da plataforma e pelo comportamento dos observadores silenciosos. Isso cria um circuito comunicativo dinâmico, onde o Terceiro pode se transformar de espectador passivo em participante ativo, dependendo das suas interações tecnodiscursivas.

A tecnotextualidade se refere à textualidade que é intrínseca ao ambiente digital, no qual a produção e recepção de sentidos são mediadas por tecnologias. Martins (2024) argumenta que os tecnotextos, como publicações em redes sociais, são multimodais por natureza, incorporando não apenas elementos verbais, mas também visuais, sonoros e interativos, que são fundamentais para a construção do significado. Esses textos, portanto, não podem ser compreendidos apenas pela análise linguística tradicional, pois elementos como *links*, *hashtags*, *emojis* e imagens desempenham papéis essenciais na interação.

A autora descreve a tecnotextualidade como um fenômeno que se caracteriza pela hibridização de linguagens. Por exemplo, no ambiente do *Instagram*, uma postagem pode incluir um texto escrito, *emojis*, fotos, vídeos e *links*, todos integrados para produzir sentidos. A escolha desses recursos tecnodiscursivos não é arbitrária, mas orientada por estratégias comunicativas que visam maximizar o impacto e o engajamento do público, especialmente do terceiro, que muitas vezes consome o conteúdo sem se manifestar.

A tecnotextualidade também envolve a análise de como os textos digitais são estruturados e como os recursos tecnológicos afetam a compreensão e a recepção da mensagem. No *X*, a limitação de caracteres, o uso de *threads* para criar continuidade narrativa, e o destaque visual de curtidas e *retweets* são elementos que compõem a tecnotextualidade e precisam ser analisados em conjunto para entender plenamente o impacto discursivo.

Outro conceito importante é o de tecnodiscursividade, que se refere ao uso de recursos tecnológicos na produção de textos digitais. Segundo Paveau (2021), o tecnodiscurso é composto por produções textuais que ocorrem em ambientes virtuais, utilizando ferramentas tecnológicas que mediam a comunicação. Cavalcante et al. (2022) ressaltam que essa terminologia não se refere estritamente a um texto ou discurso tradicional, mas a uma modalidade híbrida que integra atos de linguagem a recursos tecnológicos, compondo uma tecnodiscursividade.

Para Paveau (2021), a tecnodiscursividade é um conceito que vai além da simples inclusão de tecnologias na comunicação; trata-se de uma nova forma de discurso que integra, de maneira inseparável, as características técnicas e as práticas linguísticas. A autora propõe que a linguagem digital é tecnodiscursiva, porque o meio digital não é apenas um canal de comunicação, mas um ambiente semiótico que molda a forma e o conteúdo das interações.

Isso significa que os elementos tecnológicos — como os algoritmos, interfaces e formatos de plataformas — influenciam diretamente a forma como os usuários se expressam e interagem.

Paveau (2021) destaca que, no ambiente digital, a construção de sentido é ecológica, pois depende da interação entre diferentes sistemas semióticos. *Emojis*, *GIFs*, vídeos curtos, *links* e outros elementos visuais são parte integrante da linguagem digital e desempenham funções discursivas que vão além da palavra escrita. A autora sugere que, nesses contextos, a comunicação é moldada por "gestos tecnodiscursivos," que são ações comunicativas específicas do ambiente digital, como o uso de *hashtags* para agrupar temas, menções para convocar usuários, ou os memes, que são uma forma particular de discurso que combina texto e imagem em um formato breve e compartilhável.

A interatividade no ambiente digital é, portanto, não apenas uma troca de mensagens, mas uma forma de co-construção de significados, onde o usuário, mesmo que silencioso, tem um papel ativo na circulação e na recepção do conteúdo. Martins (2024) observa que a interação não se limita ao diálogo direto entre locutor e interlocutor, mas abrange a observação e o engajamento indireto do terceiro, cujas ações podem incluir:

- Curtir: um gesto tecnodiscursivo que indica aprovação ou apoio a uma mensagem, sem a necessidade de um comentário verbal.
- Compartilhar/Retweetar: uma forma de amplificar a mensagem, estendendo seu alcance e possibilitando novas camadas enunciativas.
- Comentar: que estabelece um diálogo direto com o locutor ou entre os próprios interlocutores, criando uma interação que pode se desdobrar em diferentes sentidos.
- Visualizar: um tipo de participação silenciosa que é registrado pelas plataformas e revela a presença do terceiro mesmo sem um engajamento direto.

Esses diferentes modos de interação mostram que o ambiente digital favorece uma comunicação *multilayer*, onde as camadas de sentido são construídas a partir de múltiplas interações simultâneas e contínuas. A tecnodiscursividade, nesse sentido, envolve a adaptação dos textos tradicionais aos formatos digitais, utilizando recursos específicos que influenciam diretamente as práticas comunicativas.

No contexto digital, a figura do terceiro é particularmente relevante, pois ele não é apenas um observador passivo, mas um participante ativo que influencia a comunicação, mesmo que de forma indireta. Martins (2024) argumenta que o terceiro, ao não se manifestar, ainda exerce uma influência importante sobre as estratégias do locutor, que ajusta seu discurso para alcançar tanto o interlocutor direto quanto o terceiro invisível.

Paveau (2021) contribui para essa análise ao destacar que o silêncio no ambiente digital é um elemento ativo da tecnodiscursividade. A ausência de resposta ou a escolha de permanecer como espectador são ações que fazem parte do ecossistema comunicativo e têm efeitos sobre a comunicação discursiva. O terceiro, assim, é parte integrante do circuito comunicativo digital, funcionando como um auditório potencial que orienta as práticas de produção de sentido.

Dessa forma, a interatividade no ambiente digital não apenas redefine as práticas comunicativas tradicionais, mas amplia os horizontes da análise linguística. A noção de tecnotextualidade, conforme defendida por Martins (2024), evidencia que os textos digitais são construídos com base em uma lógica própria, mediada por elementos tecnológicos que transformam a linguagem e o discurso. Paveau (2021), por sua vez, reforça a importância da tecnodiscursividade, mostrando que a comunicação digital não pode ser separada de suas características técnicas, e que a linguagem digital deve ser compreendida como um fenômeno integrado, no qual cada elemento visual, textual ou sonoro contribui para a construção de sentidos.

Portanto, a análise da interatividade e da tecnotextualidade no ambiente digital é essencial para entender as novas dinâmicas de comunicação e o papel do terceiro nas interações contemporâneas. Essas dimensões demonstram que o digital não apenas altera os formatos tradicionais de texto, mas redefine o próprio conceito de interação, incorporando novas formas de participação e novas camadas de sentido no texto, que vão além da palavra escrita.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa assume o lugar de fala da Linguística Textual de abordagem brasileira, mais especificamente da vertente de estudos do grupo de pesquisa em linguística PROTEXTO. As pesquisas que vêm sendo realizadas entre os estudiosos da área consideram uma dimensão argumentativa para todo texto e mais recentemente vêm atestando que não apenas fatores pré-digitais, como também outros próprios do tecnodiscurso são mobilizados de diferentes maneiras para persuadir o outro e o terceiro.

Desse modo, a metodologia adotada nesta pesquisa pretende investigar a presença e o papel do terceiro em interações do contexto digital, bem como os mecanismos de interação na construção de sentidos. Para isso, adota-se uma abordagem qualitativa com base na Linguística Textual e na análise de tecnotextualidade em ambientes digitais.

Nossas preferências em termos de metodologia foram delineadas com o objetivo de compreender como os elementos tecnolinguageiros, como o alcance das postagens (número de visualizações), as respostas, repostagens, curtidas, arquivamento (botão de salvar) e os compartilhamentos configuram a participação do terceiro no ambiente digital.

Essa metodologia proporciona um caminho claro para investigar como o Terceiro participa do circuito comunicativo digital e como as interações tecnológicas reconfiguram os papéis enunciativos tradicionais.

4.1 Decisões metodológicas

Inicialmente, para nós, era difícil pensar em uma definição de terceiro, porque sua presença é tão significativa quanto sua ausência, no sentido de que se sabe que ele está ali, mas não sabíamos como identificá-lo, tampouco como defini-lo. Por exemplo, no *X (Twitter)*, ao publicar um texto de qualquer natureza, haverá sempre aqueles que reagem de alguma forma ao *post* e aqueles que decidem acompanhar a interação sem marcar um posicionamento ou manifestar sua presença⁴. Nos vimos, então, em volta de um paradoxo: como decifrar esse participante terceiro da interação, sendo que ele não se manifesta? Portanto, essa foi uma questão que direcionou nossas decisões metodológicas quanto a quatro aspectos: o tipo de

⁴ Por outro lado, compreendemos que o “terceiro” deixa rastros no ambiente digital do *X (Twitter)* que são capazes de nos ajudar a ponderar uma noção para o termo, pelo menos a princípio. Esses rastros de que falamos são os recursos de impressões, por meio do qual temos acesso ao número de visualizações da publicação.

pesquisa; o universo e o recorte da amostra a partir dos quais realizamos uma demonstração do fenômeno; as técnicas utilizadas no levantamento dos dados analisados; os procedimentos e critérios de análise do exemplário.

4.1.1 Caracterização do tipo de pesquisa

Segundo Marconi e Lakatos (2010, p.73), no método de Popper ou método hipotético-dedutivo, parte-se de uma lacuna ou problema teórico para formular hipóteses a respeito do objeto de estudo que serão testadas pela técnica de falseamento, consistente na realização de análises de dados cujos resultados podem ser aceitos ou refutados. Assim, optou-se por utilizá-lo nesta pesquisa, haja vista a ausência de trabalhos que se propunham analisar de modo específico o terceiro.

Adotar-se-á a pesquisa de natureza teórica e exploratória voltada à reflexão de alguns conceitos clássicos da linguística em geral, como as percepções de terceiro presente no Modelo Dialogal de Plantin (1996) e no Plano de estrutura actancial da Polêmica de Amossy (2017) e outros conceitos linguísticos específicos do contexto digital. Sendo assim, preferiu-se utilizar procedimentos de ordem bibliográfica, os quais se fundamentam em revisitar o máximo possível de materiais de pesquisa disponíveis acerca do objeto estudado, como livros, artigos e periódicos científicos. A análise será orientada por estudos da Linguística Textual, com foco na interação e enunciação em textos digitais.

Abaixo, compilamos os trabalhos, entre dissertações de mestrado e teses de doutorado, que compõem o estado da arte da presente dissertação.

Quadro: Compilação de trabalhos do Estado da Arte

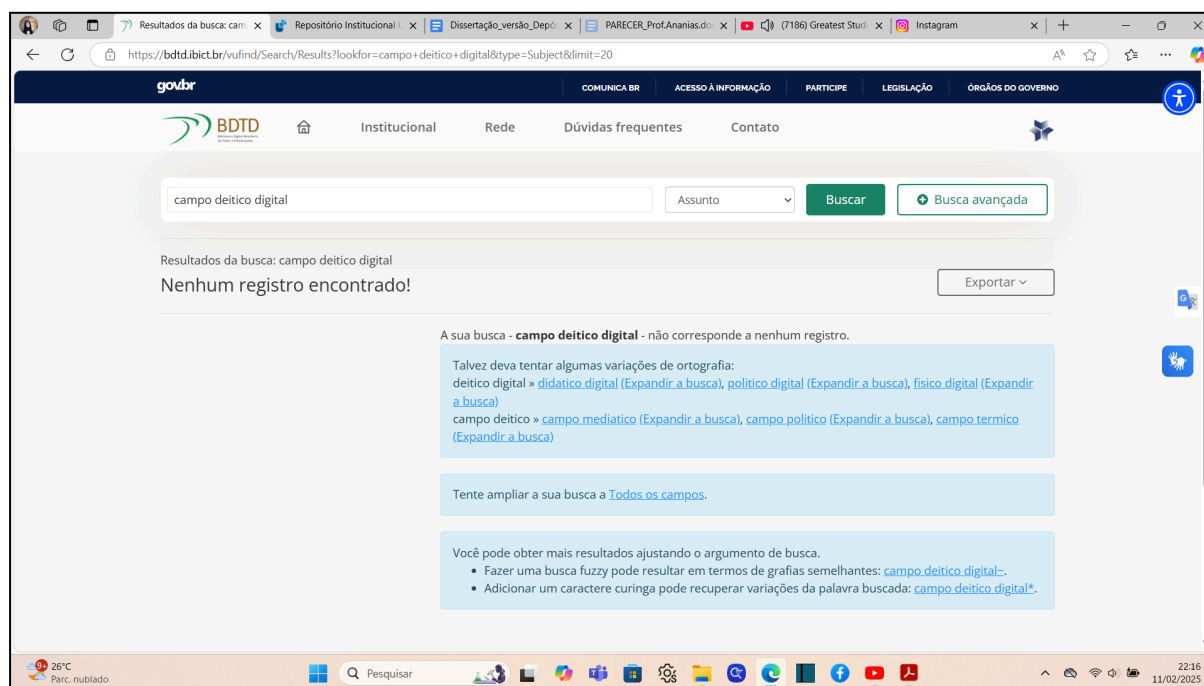
CATÁLOGO DE BUSCA - BDTD			
DESCRITOR	TIPO DE PESQUISA	TÍTULO DO TRABALHO	AUTOR (ANO)
ARGUMENTAÇÃO POLÊMICA	Tese	Análise da argumentação no discurso: uma perspectiva textual	Macedo (2018)
	Dissertação	Uma análise textual do pathos em polêmicas	Oliveira (2020)
CONTEXTO DIGITAL	Tese	Modos de interação em contexto digital	Muniz-Lima (2022)
REPOSITÓRIO DA UFC (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ)			

TIPO DE PESQUISA	TÍTULO DO TRABALHO	AUTOR (ANO)
Tese	Tecnotextualidade e Campo Dêitico digital – análise de aspectos interacionais e enunciativos	Martins (2024)

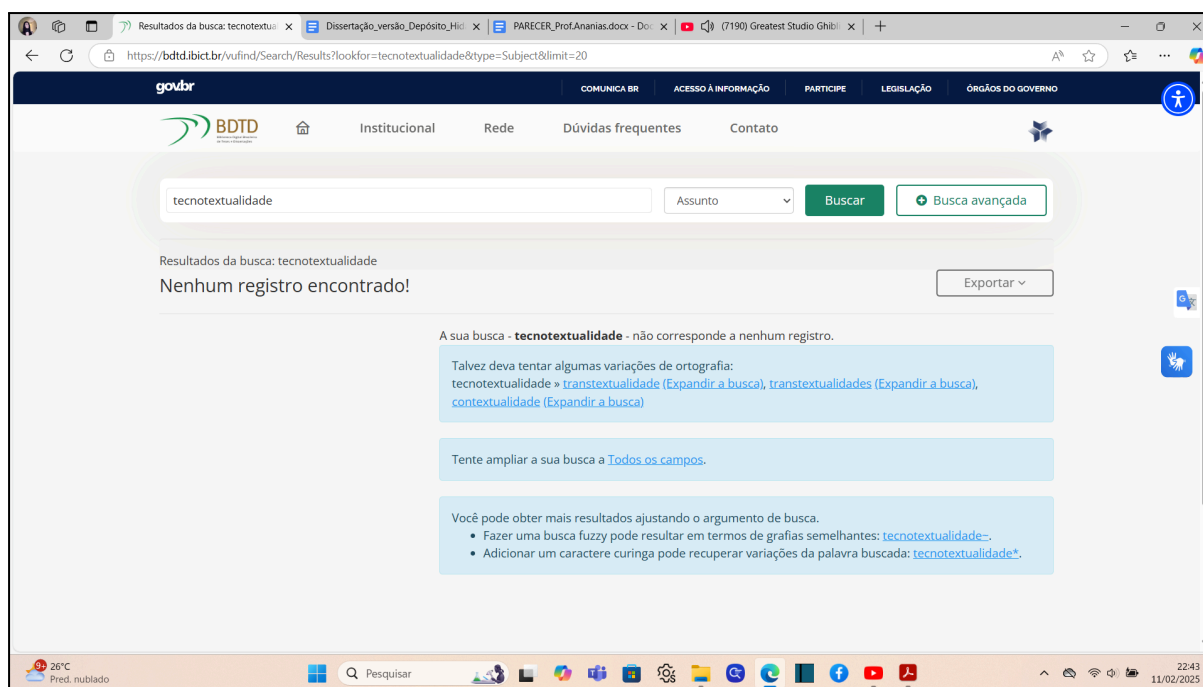
Fonte: Elaborado pela autora.

A partir do assunto investigativo, buscamos, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), inicialmente, pelo descritor “Terceiro”. Não sendo suficiente, pois os trabalhos encontrados se distanciaram do significado que buscamos para o termo⁵, iniciamos uma nova busca, desta vez pelos seguintes descritores: modelo dialogal, argumentação polêmica e contexto digital. Os resultados nos conduziram para um conjunto amplo e variado de trabalhos, por isso decidimos focar em pesquisas com o escopo teórico-metodológico da linguística textual e que delineiam seu objeto de estudo a partir da modalidade argumentativa polêmica (Macedo, 2018 e Oliveira, 2020) e em reflexões em torno de interações digitais (Muniz-Lima, 2022), pois são as que mais se aproximam do foco de análise desta dissertação. Nosso recorte temporal se deu a partir do ano de 2018, em que foi publicada a primeira tese apresentada, porque é uma pesquisa que marca a interface teórica e metodológica entre a abordagem da argumentação no discurso e os estudos textuais desenvolvidos pelo grupo PROTEXTO.

Figura 3 - Resultados de busca da BDTD (print de tela).



⁵ Eram trabalhos na área do Direito, da Administração de Empresas e afins.



Fonte: BDTD. Disponível em:

<<<https://bdtb.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=campo+deitico+digital&type=Subject&limit=20>>>. Acesso em: 11 de fev. 2024.

Utilizamos também a tese de doutorado de Martins (2024) como base para discussões sobre Campo dêitico digital e Tecnotextualidade, expressões as quais foram utilizadas como descritor de busca na BDTD, mas que correspondem a nenhum registro até o momento. Dessa forma, realizamos o levantamento do trabalho no repositório⁶ da UFC, instituição em que a tese foi defendida.

Quanto à sua abordagem, elegeu-se a pesquisa de caráter qualitativa, devido ao seu caráter interpretativo e à necessidade de explorar fenômenos linguísticos não quantificáveis e que são apreendidas tendo em vista a interpretação de textos com base em critérios pré-estabelecidos (ver a seção 6.1.4), como a presença indireta e a intervenção do terceiro no discurso. Isto exige que se proceda, quanto aos objetivos, com a descrição das categorias analíticas estabelecidas através dos eventos tecnotextuais e do *corpus* coletado, percorrendo os recursos tecnodiscursivos que contribuem para a definição de terceiro dentro do circuito comunicativo de textos digitais.

Assim, buscando respostas para as questões citadas anteriormente, partir-se-ão da delimitação do universo e da amostra, das técnicas de coleta de dados e dos procedimentos de análise de dados, apresentados nas próximas subseções.

⁶ Disponível em: <<<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/76875>>>. Acesso em: 11 de fev. 2024.

4.1.2 Delimitação do universo e da amostra

A hipótese básica deste projeto de pesquisa pleiteia que a presença, mesmo que silenciosa, de um terceiro sempre implica a interação entre um locutor e um interlocutor (Cavalcante *et. al*, 2022, p.38).

Sendo assim, o universo de análise desta pesquisa é composto por interações tecnodiscursivas oriundas de diferentes plataformas digitais, como *X* e *Instagram*. Alguns desses ambientes foram selecionados por sua capacidade de fornecer ferramentas que projetam o alcance (número de visualizações) e permitem a interação (comentário, reportagem, curtida, botão de salvar e compartilhamento) nas publicações diversas que contribuem para evidenciar a presença do terceiro nesses ambientes e a maneira como pode influenciar a construção de sentidos da tecnotextualidade.

Quanto à amostra, será constituída por dez textos digitais multissemióticos referentes aos anos de 2023 e 2024:

- A primeira amostra possui publicações do *X*, que apresentam alta interação e visualizações, priorizando temas polêmicos ou humorísticos.
- A segunda amostra de textos digitais possui interações advindas do *Instagram*, com foco em publicações de *stories* e *reels*, nas quais a visualização pode ser registrada.

A seguir, iremos descrever as técnicas para levantar os dados de pesquisa, isto é, o exemplário que será analisado, bem como os aspectos teórico-metodológicos que fundamentam nossas preferências.

4.1.3 Técnicas de levantamento de dados

Como técnica de coleta de dados, utilizaremos a documentação indireta, a qual consiste em levantar dados já prontos, isto é, que não precisam ser produzidos por pesquisa de laboratório ou de campo. Configura-se como uma fonte de pesquisa secundária disponível em portais públicos na *internet*, por exemplo. Utilizaremos textos e interações já disponíveis nas plataformas digitais.

Considerando que nosso exemplário é composto por textos digitais, será necessário realizar capturas de telas⁷ (*screenshots*) por meio do *notebook* pertencente à pesquisadora, transcrições de diálogos, registro de visualizações e outros dados de engajamento oferecidos pelas plataformas (ex.: número de curtidas e compartilhamentos). Essas escolhas são motivadas, em primeiro lugar, por estarmos lidando com a abordagem pós-dualista do discurso (Paveau, 2013, p.159), que “[...] toma como objeto não mais somente elementos linguageiros, mas o conjunto do ambiente nos quais eles se inscrevem”. Assim, a natureza compósita desses textos pode revelar informações distintas a depender do suporte (Paveau, 2021, p.162.) com o qual estamos lidando.

Em segundo lugar, é interessante ao estudo ecológico do discurso e do texto que “[...] o pesquisador tanto seja um usuário de internet e da web, quanto tenha um conhecimento mínimo das interfaces técnicas e do funcionamento da máquina”. (Paveau, 2021, p.36). Isso deve-se ao fato de que muitos fenômenos tecnolinguageiro só podem ser identificados e analisados a partir da inserção do pesquisador no ambiente virtual de interação. Para isso, utilizarei minhas contas pessoais para navegar as redes sociais, bem como para interagir, por meio de curtida e comentário.

No próximo subtópico, encontram-se os últimos esclarecimentos a respeito da metodologia deste projeto, no que tange às etapas de análise de dados a partir das hipóteses de pesquisa.

4.1.4 Procedimentos de análise de dados

Os procedimentos de análise do exemplário foram organizados em quatro etapas que estão alinhadas aos objetivos específicos da pesquisa.

Na primeira etapa, visamos caracterizar o papel do terceiro em textos digitais. Para tanto, precisamos:

- Identificar o locutor, o interlocutor e o terceiro no circuito comunicativo por meio dos elementos tecnolinguageiros que evidenciam seus lugares enquanto instâncias enunciativas na interação.

⁷ “A perspectiva ecológica impõe que se apresentem os exemplos no seu ambiente nativo, e o ideal seria, evidentemente, poder trabalhar com um navegador aberto, o que, naturalmente, não permitiria a publicação fora da rede. Assim, optamos por apresentar os exemplos na forma de captura de tela, o que é o mínimo ecológico necessário, ainda que esse procedimento pareça cristalizar os dados tecnodiscursivos abertos e móveis e objetivá-los: as capturas de tela são também fruto da subjetividade do internauta-analista e devemos considerá-las como dados subjetivos”. (Paveau, 2021, p.36).

Na segunda etapa, buscamos identificar os recursos tecnolinguageiros responsáveis por flagrar a presença do terceiro. Assim, nosso foco será:

- Analisar os recursos tecnolinguageiros que o terceiro utiliza para adentrar ou se manter à margem da interação como curtidas e comentários, comparando com o alcance das postagens.

Na terceira etapa, nosso propósito é analisar como os gestos tecnolinguageiros repercutem na definição do papel do terceiro. Para tanto, iremos:

- Identificar as ferramentas de interatividade que o terceiro utiliza para se engajar na interação.

Na quarta e última etapa, tentamos descrever os aspectos tecnolinguageiros que evidenciam a influência do terceiro na construção de sentidos da tecnotextualidade. Nesse sentido, é necessário:

- Analisar o impacto textual e argumentativo dos gestos tecnolinguageiros (curtidas e comentários) do terceiro quando ele adentra a interação.

Por fim, aplicamos o quadro teórico-metodológico abaixo (Cavalcante, Brito e Martins, 2024) em todas as etapas descritas.

Quadro-modelo de questões norteadoras para uma análise textual

Aspectos enunciativos e interacionais para a contextualização de um texto	Respostas
Quem é o locutor/enunciador principal?	
Quem é projetado como interlocutor? Existem terceiros?	
Qual o grau de intimidade dos interactantes (o locutor-enunciador principal e os possíveis interlocutores são conhecidos, desconhecidos, inimigos, amigos, íntimos ou aleatórios?)	
De que gênero o texto participa?	
Em que ecossistema o gênero se situa? Como funcionam as mídias nesse ecossistema e por que suporte ele é acessado?	
O texto ocorre num espaço público ou num espaço privado? Os participantes podem se ver ou não?	
Qual o número de interactantes (mais de dois)? O texto contém apenas um quadro enunciativo? Existe, no quadro enunciativo analisado, a alternância de turnos de fala? As possibilidades de intervenção são limitadas ou não?	
Com que propósitos o locutor/enunciador principal argumenta? Que pontos de vista ele parece sustentar?	
Em que situação sócio-histórica o texto se situa (como se contextualiza)?	
Os objetivos da interação são voltados para que modo de argumentar? Para a sedução, para a transmissão de conhecimentos, para transações comerciais, ou são puramente fáticos?	
Como os subtópicos são distribuídos no texto (que sistemas semióticos estão sendo integrados)? Como esse modo de organização dos conteúdos favorece a argumentatividade do texto?	

Fonte: Cavalcante, Brito e Martins (2024)

Utilizamos todos os aspectos da tabela e os distribuímos ao longo das quatro etapas de análise, pois compreendemos que são pontos relevantes para a contextualização da noção de terceiro e como ele pode vir a induzir as interações. Ademais, ampliamos o quadro acima a fim de contemplar a noção de terceiro nos textos digitais com as seguintes questões:

Questões para contextualização do terceiro em textos digitais

Questões	Respostas
Qual o papel do terceiro?	
Como o terceiro influencia na	

construção de sentidos em textos digitais?	
O texto analisado convoca outros textos para a construção de sentidos ou para o seu projeto argumentativo? De que maneira ocorre essa relação? Que tipo de intertextualidade é mobilizada para esse fim?	

Fonte: Elaborado pela autora.

No próximo capítulo, realizamos a análise de diferentes textos do ambiente digital, a fim de cumprir os procedimentos apresentados nesta seção e almejando encontrar novos sentidos e resultados para além das hipóteses projetadas.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Tendo em vista que a pesquisa em questão é de natureza teórica e assim nosso foco incide sobre reflexões de conceitos e aproximações com nosso objeto de estudo, nesta seção, realizamos as análises do fenômeno que estamos investigando, o Terceiro, em tecnotextos, a fim de verificar a validade de nossas hipóteses.

Nesse contexto, nossas análises foram divididas em quatro momentos:

- a) Caracterização do papel do terceiro;
- b) Identificação dos recursos tecnolinguageiros responsáveis por flagrar a presença do terceiro.
- c) Análise de como os gestos tecnolinguageiros repercutem na definição do terceiro em interações digitais.
- d) Descrição dos aspectos tecnolinguageiros que evidenciam a influência do terceiro na construção de sentidos da tecnotextualidade.

Precisamos ressaltar que na qualidade de investigação científica, é possível que nossas suposições sejam comprovadas ou refutadas, bem como outras potenciais evidências surjam ao passo em que os exemplos são examinados.

5.1 O *Terceiro* ouvinte-espectador

Neste primeiro momento de análise, nosso objetivo será demonstrar como o papel do terceiro se operacionaliza em tecnotextos. Hipotetizamos que ele é uma instância para além do locutor e do interlocutor nas interações (Cavalcante *et. al*, 2022), que observa como se constrói a argumentação dos participantes e que pondera silenciosamente, sem tomar partido inicialmente.

Contudo, antes disso, optamos por iniciar a exploração dos exemplos com a análise do quadro enunciativo dos tecnotextos e simultaneamente dos contextos sócio-culturais e históricos que emergem, como também dos sentidos que foram negociados a partir disso e gradualmente chegamos ao ponto de maior interesse que é o *Terceiro*. Para isso, como já exposto no capítulo de metodologia, utilizamos o Quadro modelo de questões norteadoras para a uma análise textual, criado por Cavalcante, Brito e Martins (2024). Primeiramente, realizamos uma análise detalhada a partir dessas questões e ao final, compilamos as respostas em um quadro síntese.

Segundo as autoras, “A lida com textos deve principiar, a nosso ver, pela interpretação dos ‘sentidos possíveis’ (Charaudeau, 2014) que o locutor/enunciador principal (Rabatel, 2016) provavelmente expressiu, negociou e administrou no evento comunicativo” (Cavalcante, Brito e Martins, 2024, p.1).

Vejamos o seguinte exemplo:

Figura 4 - Abertura dos jogos olímpicos em Paris (2024).



Fonte: X.

De antemão, convém dizer que o gênero que estamos tratando é uma publicação da rede social X. O autor da postagem e também locutor do texto em questão é Caio (@###caio), o qual compartilhou uma foto do *show* de fogos de artificios na Ponte de D'Austerlitz, em Paris (França), por ocasião do evento de abertura da 33ª edição dos jogos olímpicos,

acompanhada da seguinte legenda: “O chá de revelação mostrou que teremos um menino, uma menina e um novo Papa”.

O locutor satiriza o governo francês quando compara a semelhança dos fogos usados na cerimônia solene das olimpíadas, bem como da proporção e magnitude do espetáculo, com o jogo de fumaça colorida utilizado no chá revelação, bem comum no Brasil, para anunciar o sexo do bebê. Impacto maior é causado ainda quando o autor da postagem remete indiretamente ao *Conclave* (reunião de cardeais eleitores da Igreja Católica Apostólica Romana responsáveis por escolher o novo Papa que ocorre no Vaticano, após a renúncia ou morte do Papa anterior). Em resumo, a legenda relaciona as cores da bandeira da França projetada pelos fogos de artifício (azul, branco e vermelho, nessa ordem) às tonalidades que simbolizam a chegada de um menino (azul) ou uma menina (rosa) na família que o celebra no chá revelação e à fumaça branca que sai da chaminé da Capela Sistina no Vaticano indicando que um novo papa foi eleito.

O autor da postagem lançou uma crítica de maneira sutil e humorada, ironizando a extravagância da festividade articulada pelo governo que se mostra incoerente frente à desorganização de logística do evento, à falta de assistência aos atletas das delegações estrangeiras e ao descaso com a infraestrutura do país. Essas questões foram pauta de discussões nas mídias digitais e veiculadas em grandes portais de notícias. Abaixo, segue um *Print* de tela dos resultados de busca pelas polêmicas nas olimpíadas do ano de 2024 no Google:

Figura 5 - Polêmicas sobre os jogos olímpicos de Paris.

The screenshot shows a Google search results page for the query "polêmicas olimpíadas 2024". The search bar at the top contains the text "polêmicas olimpíadas 2024". Below the search bar, there are several search results. The first result is titled "Paris 2024: Veja todas as polêmicas e confusões na Olimpíada" and is from CNN Brasil. The snippet for this result reads: "26 de jul. de 2024 — Como todo grande evento, a Olimpíada de Paris 2024 não conseguiu escapar ilesa a polêmicas e...". Other results include "Treta de Simone Biles, poluição do Sena e verme na comida" from Globo Esporte, dated 11 de ago. de 2024, and "gafes e polêmicas de Paris-2024 - UOL" from UOL, dated 12 de ago. de 2024. The page also features a "Visão geral criada por IA" section with a "Ouvir" button and a list of bullet points detailing various controversies such as the opening ceremony, Rio Sena pollution, food quality, hino confusion, transport issues, and a gymnast's exclusion.

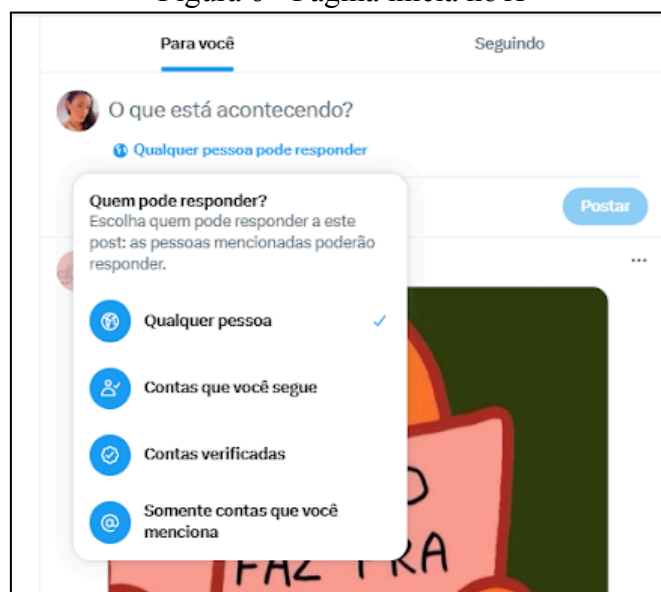
Fonte: Google.

Nos comentários que seguem o fio discursivo da publicação, observamos que os usuários respondem ao mesmo assunto abordado pelo locutor/enunciador, englobando um único quadro enunciativo. Todos demonstram concordar com o sentido construído no post. Parte dos internautas utilizam apenas emojis que representam gargalhada, enquanto outros reforçam o ponto de vista irônico defendido, empregando expressões sarcásticas, como é o caso do perfil @Pietro#### que diz “Chá revelação de gênero fluido” e do @_clay#### que fala “é menino”. Porém, além disso, estimulam posicionamentos preconceituosos sobre a linguagem neutra de gênero.

Em nossa perspectiva, esses usuários que comentaram a publicação e todos que tiveram acesso à postagem podem ser admitidos como interlocutores, já que se caracteriza como perfil público.

Podemos refletir melhor essa questão com base no exemplo abaixo:

Figura 6 - Página inicial no X



Disponível em: Acesso em: 18 de novembro de 2024.

Este é o espaço disponível no X para postagens. Antes de publicar, porém, é possível escolher com quem desejamos compartilhá-las e quem pode respondê-las:

- Qualquer pessoa (ou seja, todos que acessam o X e sejam direcionados para sua publicação, pelo algoritmo ou pela hashtag);
- Contas que você segue (diz respeito a um público seletivo e autorizado pelo seu perfil);

- Contas verificadas (perfis que passaram por um processo de autenticação e ganharam um selo de verificação que os diferencia de contas falsas e fanpages, por exemplo. Isso aumenta a credibilidade e segurança dos usuários);
- Somente contas que você menciona (opção de citar um perfil específico em uma dada publicação através do @).

O Terceiro está incluído nesse grupo de usuários, entre seguidores e outros visitantes curiosos. Entretanto, diferentemente do interlocutor que se posiciona explicitamente ou reage ao conteúdo veiculado por meios das ferramentas de interatividade disponíveis (curtida, comentário, repostagem e salvamento), o terceiro apenas observa as demais intervenções, como um “espião” (Cavalcante, Brito e Martins, 2024). Por essas razões é que preferimos chamá-lo de ouvinte-espectador das interações digitais. Não podemos identificá-lo, pois a plataforma o oculta e a única evidência, pelo menos privadamente, é quando como no exemplo analisado, somos nós próprios os terceiros que sondam a comunicação no ambiente virtual.

Esse e outros aspectos explorados com a análise foram compilados e resumidos abaixo:

Quadro-síntese: aplicação do modelo de análise textual (Critério 1)

Aspectos enunciativos e interacionais para a contextualização de um texto	Respostas
Quem é o locutor/enunciador principal?	Caio ### (autor da postagem).
Quem é projetado como interlocutor?	Como é um perfil público, o interlocutor é qualquer usuário do X que tenha acesso à publicação e realize um gesto tecnolinguageiro de engajamento explícito (curtida; comentário-resposta; reportagem; salvamento).
Existem terceiros? (Se sim, qual o seu papel no circuito comunicativo do texto analisado? Ele é excluído? Como ele influencia na construção de sentidos? É possível flagrar sua presença no contexto em questão? De que maneira?)	Sim, mas não é identificável. No X, terceiro é todo aquele que possui acesso ao conteúdo publicado (seguidor ou usuário aleatório) pelo autor da postagem, mas que por um conjunto de motivos decide não se manifestar. Ele atua como um ouvinte-espectador da interação digital.
Qual o grau de intimidade dos interactantes (o locutor-enunciador principal e os possíveis interlocutores são conhecidos, desconhecidos, inimigos, amigos, íntimos)	São usuários aleatórios que podem se conhecer ou não. Neste caso, eles se unem em prol da crítica humorística.

ou aleatórios?)	
De que gênero o texto participa?	Publicação em rede social.
Em que ecossistema o gênero se situa? Como funcionam as mídias nesse ecossistema e por que suporte ele é acessado?	O ecossistema é a rede social X de publicações essencialmente curtas de até 280 caracteres, mas que possibilita a inserção de fotos, vídeos, gifs, links e texto (verbal). Pode ser acessado por qualquer suporte como celular e tablet, mas neste caso, foi logado através do notebook.
O texto ocorre num espaço público ou num espaço privado? Os participantes podem se ver ou não?	Ocorre em espaço público, porém, os usuários podem configurar seus perfis como privado e limitar a entrada de outros internautas. No X, não é possível realizar interações com simulação face a face, portanto os usuários não podem se ver.
Qual o número de interactantes (mais de dois)? O texto contém apenas um quadro enunciativo?	Temos muito mais de dois interactantes, distribuídos em um número superior a 186 comentários-resposta e 47 mil outras impressões por curtida, repost e salvamento. Quanto ao quadro enunciativo, é apenas 1, pois os usuários que repercutem nos comentários permanecem no mesmo tópico discursivo temático.
Existe, no quadro enunciativo analisado, a alternância de turnos de fala? As possibilidades de intervenção são limitadas ou não?	Existe 1 alternância do turno de fala, entre os usuários @#### e @_clay####. Neste caso, as intervenções são ilimitadas, pois o autor da postagem deixou livre.
Com que propósitos o locutor/enunciador principal argumenta? Que pontos de vista ele parece sustentar?	A postagem é uma crítica com teor humorístico que aborda o evento de abertura dos jogos olímpicos em Paris de maneira sutil como incoerente, extravagante e irônica, no sentido de contraditória, tendo em vista um outro discurso circulante no espaço digital sobre a falta de assistência aos atletas e à infraestrutura do país.
Em que situação sócio-histórica o texto se situa (como se contextualiza)?	O evento de abertura dos jogos olímpicos na Ponte de d'Austerlitz, em Paris (França).
Os objetivos da interação são voltados para que modo de argumentar? Para a sedução, para a transmissão de conhecimentos, para transações comerciais, ou são puramente fáticos?	A postagem apela ao deboche irônico para criticar a postura do governo francês frente aos problemas de infraestrutura do país e ao descaso com os atletas das delegações de outros países e os turistas.

<p>Como os subtópicos são distribuídos no texto (que sistemas semióticos estão sendo integrados?) Como esse modo de organização dos conteúdos favorece a argumentatividade do texto?</p>	<p>O texto é composto por mais de um sistema semiótico e integra entre eles: legenda e comentários em texto verbal, fotos, emojis, informações sobre data e horário de postagem, etc. A combinação de alguns desses elementos e do modo como é disposto (texto e imagem) permite, por exemplo, que façamos a associação entre o termo “chá revelação”, introduzido na legenda, e o show de fogos de artifícios nas cores da bandeira francesa sobre a Ponte do Rio Sena em comemoração à abertura da 33ª edição da competição olímpica.</p>
<p>O texto analisado convoca outros textos para a construção de sentidos ou para o seu projeto argumentativo? De que maneira ocorre essa relação? Que tipo de intertextualidade é mobilizada para esse fim?</p>	<p>O autor da postagem retoma acontecimentos e situações sócio-culturais em geral relevantes. Ele faz alusão (ampla) ao <i>conclave</i> (reunião do sacro colégio de cardeais, convocado para eleger um novo pontífice - Papa) e ao chá revelação (festa organizada pelos pais de um bebê que está para nascer com o intuito de revelar o sexo da criança de maneira descontraída), argumentando, em tom irônico, que o evento de abertura dos jogos olímpicos demonstrou um pouco de incoerência e descompasso na criatividade, tanto quanto extravagância.</p>

Fonte: Cavalcante, Brito e Martins (2024) - adaptado pela autora.

Nota-se que alguns dos aspectos presentes no quadro-síntese foram omitidos no momento de análise, pois algumas informações como grau de intimidade dos interactantes, funcionamento das mídias no ecossistema em questão, suporte pelo qual o texto foi acessado e etc foram percorridos implicitamente. Outras questões como alternância dos turnos de fala e possibilidade/limitação de intervenção não foram citadas por considerarmos dispensáveis às ponderações do texto.

Agora, que já enfatizamos nossa compreensão sobre o papel do Terceiro na plataforma do *X*, continuamos refletindo sobre o que a métrica do alcance de conteúdo nesse mesmo ecossistema e também no *Instagram* pode contribuir para definição do Terceiro na tecnotextualidade.

5.1.1 A presença do terceiro com base no alcance

Observemos agora como descrevemos a presença do terceiro, que já exploramos enquanto ouvinte-espectador, mediante a comparação do alcance (número de visualizações)

das postagens com as ferramentas de interatividade (curtida, comentário, repostagem, botão de salvar e compartilhamento) em redes sociais que possuem esses recursos, como *X* e *Instagram*, a fim de identificar as consequências de diferença desses ecossistemas na caracterização do terceiro.

A seguir, serão analisadas duas publicações do *X* relacionadas ao “Live-action da Barbie⁸”. A primeira delas foi retirada do perfil “Choquei”:

Figura 7 - Cristão não assiste filme da Barbie



Fonte: X. Disponível em: <<https://x.com/choquei/status/1682763127815913473?s=20>>.

Acesso em 13 jan. 2024.

O filme foi um sucesso antes mesmo de seu lançamento, quando apenas tinha sido apresentada a produção pela Warner Bros. Pictures, fruto da parceria entre Heyday Films,

⁸ Live action é uma técnica de produção cinematográfica e videográfica que utiliza atores e atrizes reais para interpretar personagens, ao contrário das animações. A tradução livre de live action é "ato real". O live action é uma forma de repaginar histórias que já têm uma conexão emocional com o público. O roteiro pode ser seguido à risca ou sofrer adaptações para se adequar ao mundo atual. O live action é um segmento em constante crescimento e pode ser muito mais completo e eficaz do que outras produções animadas em termos de estratégias de marketing. Este termo não define apenas filmes, mas também jogos eletrônicos ou similares, que usam atores e atrizes em vez de imagens animadas. (Fonte: Visão criada por IA/Wikipédia).

LuckyChap Entertainment e Mattel, uma grande distribuidora de brinquedos dos Estados Unidos. Porém, meses antes da estreia nos cinemas, houve uma intensificação do impacto em diversos setores da sociedade (bilheteria, marca, moda, consumo, etc). Todos falavam sobre a Barbie, queriam comprar algo para entrar nas tendências do momento (Tendência *Barbiecore*) ou mesmo aproveitar o embalo para impulsionar os negócios e ainda repercutir os memes nas redes sociais. Nos cinemas, por exemplo, os clientes tinham a opção de comprar o combo personalizado para desfrutar no momento do filme.

Figura 8 - Combo BurgerKing temático da Barbie.



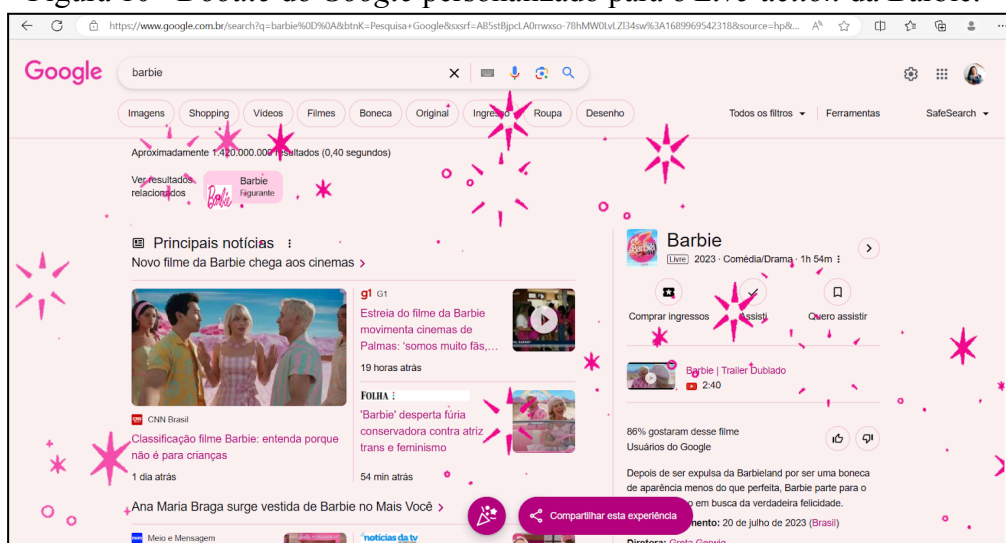
Fonte: Instagram.

Figura 9 - Lagoa Rosa (Pernambuco)



Fonte: Instagram.

Figura 10 - Doodle do Google personalizado para o Live-action da Barbie.



Fonte: Google.

Afinal, foi uma influência poderosa em diversos ramos durante todo o ano de 2023. Isso tudo porque a Barbie teve grande influência na infância de uma geração de meninas, ainda que uma parte delas não tenha tido a oportunidade de brincar com a tão sonhada boneca.

Depois que, finalmente, o filme foi liberado nos cinemas espalhados pelo mundo todo, aqui no Brasil, gerou polêmicas (Amossy 2017) em torno das temáticas abordadas. O público religioso, em especial os evangélicos, manifestaram sua insatisfação e iniciaram uma campanha nas redes sociais para alertar os cristãos sobre um conjunto de motivos pelos quais eles não deveriam liberar o filme para crianças. Eis as alegações pontuadas:

- Não é indicado para crianças menores de 12 anos;
- Contém linguagem imprópria, atos violentos e diálogos de duplo sentido;
- Mundo lúdico e encantado está lotado de apelação progressista;
- Envolve assuntos como feminismo, crise de identidade e autoaceitação.

Para acrescentar, o produtor do texto fez alusão a um discurso que circula na sociedade sobre como a vida pode ser cheia de percalços, o que se comprova com a frase “Nem tudo é cor de rosa como parece. Cuidado!”. A estratégia apelativa é confirmada logo abaixo, em que o locutor continua dizendo:

“Por mais que a Barbie tenha feito parte da infância de muitas garotas, fique esperta! Se você é cristã, não negocie seus valores e princípios”.

O internauta relacionou esse saber com a Barbie, já que o rosa é a cor que a representa, para convencer o interlocutor de suas justificativas e levá-lo a não assistir ao filme, com o possível argumento: “A Barbie não é tão inocente quanto se pensa. Nem tudo é cor de rosa como parece”. Além disso, o jogo com os aspectos imagéticos de cores (rosa e azul) e a simbologia que isso representa (slogan da Barbie e mulher vestida como uma boneca) reforçaram a empreitada do locutor. Para aqueles que possuem um conhecimento mais aprofundado, identificar a referência e a alusão à música “La Vie en Rose” de Edith Piaf é uma tarefa simples. A canção, cuja tradução significa «A Vida em Cor-de-Rosa», evoca uma existência repleta de positividade, recheada de expressões amorosas e delicadezas, características que também podem ser associadas à atmosfera de Barbiland.

Partimos agora para a segunda publicação analisada:

Figura 11 – Publicação em resposta ao público evangélico



Disponível em: <https://x.com/ecocrente/status/1682425634390196225?s=20>. Acesso em: 13/01/2024.

Já nesse outro tuíte, temos uma atualização da polêmica (Brito, 2018) em torno do filme da Barbie que foi iniciada com os evangélicos. Na legenda da foto publicada, o usuário ironiza a postura assumida por esse público, ao dizer: “Gente, como assim o filme da Barbie não é crente??? Eu jurava que esse ‘B’ era de ‘Bíblia’ (Emojis assustados)”. Sabemos que a letra “B” em destaque no banner oficial de divulgação do filme com os dois atores protagonistas que interpretam Barbie e Ken não poderia remeter a outra coisa, senão à estrela em questão, a própria Barbie. Portanto, a afirmação do locutor é uma crítica ao posicionamento contrário, como quem diz: “O filme não tem que agradar ninguém, nem

mesmo os religiosos. São propósitos distintos.”. Um fato interessante é a maneira como o locutor personalizou seu perfil. Tanto em seu nome de usuário, quanto no de perfil ele combinou elementos de crença divina. Já em sua *bio*, afirma ser um crente que vive e busca o equilíbrio entre ciência, arte e fé.

Em ambas as demonstrações, notamos que os locutores dos textos (@choquei e @ecocrente), apesar da divergência de propósitos comunicativos, têm o mesmo alvo: cristãos e evangélicos.

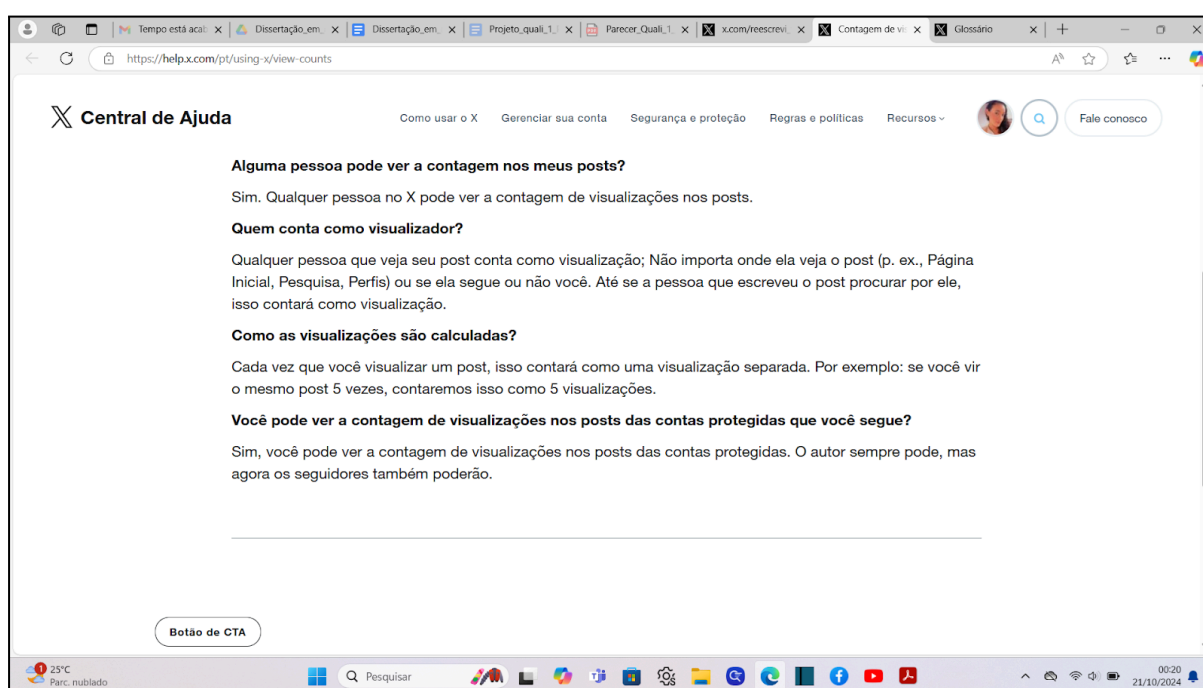
Com relação ao interlocutor, já mencionamos na primeira parte das análises que o estamos admitindo como qualquer usuário que tenha acesso aos conteúdos publicados e realize um gesto tecnolinguageiro de interação. Portanto, mesmo com os comentários ocultados, a métrica de engajamento (curtidas, comentários, repostagem e salvamento) registra as impressões desses internautas, mesmo sem identificá-los. Entre esses usuários, sempre haverá aqueles que ficarão apenas observando nos bastidores. São estes participantes indiretos do circuito comunicativo, mas não diretamente da interação que denominamos como Terceiro. Sua escolha por não engajamento pode expressar:

1. Quem está em cima do muro sobre um tema que está sendo discutido, seja por dúvida, seja porque não se reconhece nos discursos que estão sendo defendidos;
2. Aqueles que preferem o anonimato, porque sentem-se mais seguros de possíveis julgamentos, já que qualquer forma de engajamento é rastreável.

Percebam que o alcance (número de views) das publicações é frequentemente superior ao engajamento explícito (número de curtidas, comentários, repostagens e salvamentos). Das 143, 8 mil visualizações da postagem inicial (Figura x), menos de 5 mil são de engajamento por qualquer uma das ferramentas disponíveis.

Em consulta à central de ajuda da plataforma X, encontramos as seguintes informações sobre o recurso de views:

Figura 12 - Sobre contagem de visualizações no X.



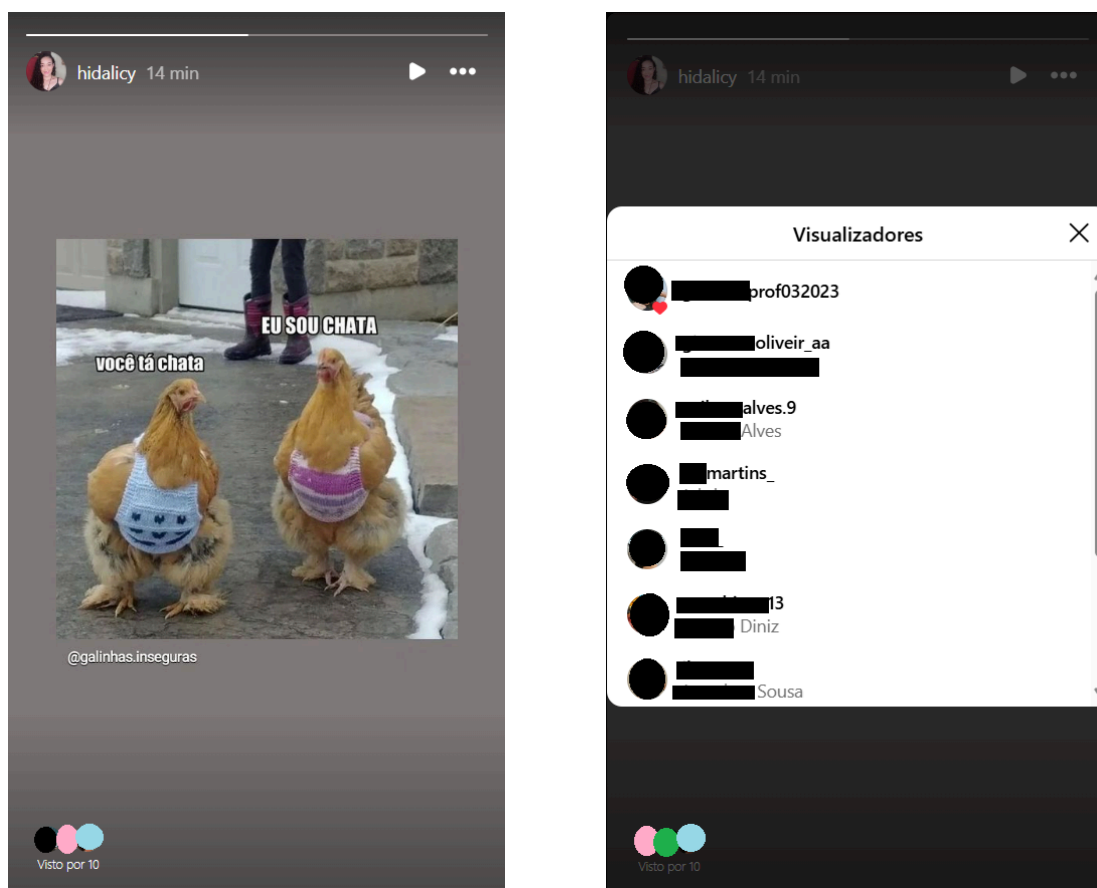
Fonte: Central de Ajuda do X.

Ainda que muitos dos usuários venham a retornar ao *post* mais de uma vez, a alta discrepância entre esses números e a frequência desse fenômeno, mesmo em escala de alcance menor, nos ajuda a confirmar a presença do Terceiro na plataforma, com grupo de pessoas para além de quem publicou o texto e de quem toma partido através de comentários e curtidas. É justamente nessa fenda que está o Terceiro, acobertado pela plataforma, mas no final das contas, presente.

Vale destacar que essa presença “muda” também influencia na construção do projeto argumentativo do locutor (Cavalcante et. al, 2022), independente da existência ou não do recurso das views. No segundo *post*, por exemplo, o traço humorístico sugere que o locutor quer atingir um público mais abrangente, que vai além dos usuários que se colocam contra os temas abordados no filme.

Vejam agora como essa reflexão acontece em outra plataforma de interação digital.

Figura 13 - Story e visualizações no Instagram



Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse tipo de interação, o locutor é o dono do perfil (@hidalicy) que compartilhou uma postagem de outra página do *Instagram*. Temos, portanto, dois quadros enunciativos. O primeiro é o *story* criado pela usuária para expressar um ponto de vista muito particular e que não é necessariamente o mesmo sustentado pelo enunciador secundário. A segunda camada enunciativa (Martins, 2024) se dá pelo elemento clicável da publicação original, quando um seguidor adentra um outro ambiente de navegação, do perfil @galinhas.inseguras.

No que tange ao alcance, o número total de visualizadores é de 10 pessoas, dentre as quais apenas 1 pessoa reagiu com curtida e se tornou interlocutora (@###prof032023). Os

demais correspondem ao grupo dos Terceiros que optaram por não engajar. Pode ser que essa única seguidora que interagiu tenha se identificado com o ponto de vista defendido e acredite ser uma pessoa chata. Ou, ela pode apenas ter gostado do efeito cômico. Do mesmo modo, os seguidores que leram e teceram considerações para si mesmos, talvez não reagiram por meros desinteresse ou indiferença.

Atentemos ainda para o fato de que nesse formato de texto, podemos identificar os sujeitos por trás das impressões na postagem. Esse aspecto traz consequências diretas para a construção de sentidos dos tecnotextos e que será recobrado na última seção do capítulo.

Encerrando, por hora, nossas análises do critério sobre a presença tecnolinguageira no Terceiro, reiteramos abaixo os pontos explorados ao longo da contextualização dos exemplos.

Quadro-síntese: aplicação do modelo de análise textual (Critério 2)

Aspectos enunciativos e interacionais para a contextualização de um texto	Respostas
Quem é o locutor/enunciador principal?	@choquei (X); @ecocrente (X); @hidalicy (Instagram).
Quem é projetado como interlocutor?	Público em geral que tenha acesso ao X e os usuários que reagiram à publicação. No Instagram, como o perfil é privado, apenas os seguidores são projetados como possíveis interlocutores.
Existem terceiros? (Se sim, qual o seu papel no circuito comunicativo do texto analisado? Ele é excluído? Como ele influencia na construção de sentidos? É possível flagrar sua presença no contexto em questão? De que maneira?)	Sim. A presença do Terceiro pode ser flagrada através do recurso de alcance. No X, ele é ocultado, mas no story do Instagram é possível identificá-lo.
Qual o grau de intimidade dos interactantes (o locutor-enunciador principal e os possíveis interlocutores são conhecidos, desconhecidos, inimigos, amigos, íntimos ou aleatórios?)	No X, são aleatórios. No Instagram, por não ser um perfil público, os seguidores são mais íntimos e assim os interactantes podem ser amigos, conhecidos e colegas.
De que gênero o texto participa?	Publicação do X e story do Instagram.
Em que ecossistema o gênero se situa? Como funcionam as mídias nesse ecossistema e por que suporte ele é acessado?	Temos o X e o Instagram como ecossistemas. O X se caracteriza por publicações essencialmente curtas de até 280 caracteres, mas que possibilita a inserção de fotos, vídeos, gifs, links e texto (verbal). Pode ser acessado por qualquer

	<p>suporte como celular e tablet, mas neste caso, foi logado através do notebook. O story do Instagram permite compartilhar mídias variadas (imagem, vídeo, música, gifs, emojis, texto verbal, enquetes, etc) e selecionar um grupo de pessoas denominado de “Melhores amigos” para ver e interagir com suas publicações. Pode ser acessado por qualquer suporte, mas tanto para publicar como para expressar certas reações é preciso utilizar o <i>Smartphone</i>.</p>
<p>O texto ocorre num espaço público ou num espaço privado? Os participantes podem se ver ou não?</p>	<p>As publicações do X são abertas ao público em geral, já os story analisado por ter sido publicado por perfil privado é restrito aos seguidores aprovados. Os participantes da interação não podem se ver.</p>
<p>Qual o número de interactantes (mais de dois)? O texto contém apenas um quadro enunciativo?</p>	<p>Mais de dois interactantes. Apenas 1 quadro enunciativo.</p>
<p>Existe, no quadro enunciativo analisado, a alternância de turnos de fala? As possibilidades de intervenção são limitadas ou não?</p>	<p>Não houve alternância de turnos de fala em nenhum dos quadros enunciativos analisados. Quanto às possibilidades de intervenção, são ilimitadas no X, mas limitadas no story do Instagram, nos casos específicos que analisamos.</p>
<p>Com que propósitos o locutor/enunciador principal argumenta? Que pontos de vista ele parece sustentar?</p>	<p>No X, o objetivo do locutor na primeira postagem é apenas de informar acerca dos tópicos levantados pelo público evangélico contraindicando o filme da Barbie para cristãos, especialmente crianças. Assim, não demonstra sustentar um ponto de vista contra ou à favor. Por outro lado, na segunda publicação, o propósito do autor da postagem é ironizar o posicionamento dos evangélicos sobre o Live-action, sustentado um ponto de vista contrário à afirmação da legenda. Em outras palavras, o filme não é uma produção voltada aos cristãos, mas para o público que já conviveu com a boneca na infância, além de crianças e meninas. Já no story publicado no Instagram, a locutora pretende gerar humor por meio de uma personificação (figura de linguagem) de um meme, em que os personagens (duas galinhas) que interagem ganham falas da vida cotidiana humana.</p>

<p>Em que situação sócio-histórica o texto se situa (como se contextualiza)?</p>	<p>As publicações do X se enquadram no contexto de uma polêmica envolvendo o público evangélico por ocasião do lançamento do filme Live-action “Barbie”. A publicação repostada e compartilhada no story do instagram gira em torno de um meme que discute questões referentes a problemas de personalidade.</p>
<p>Os objetivos da interação são voltados para que modo de argumentar? Para a sedução, para a transmissão de conhecimentos, para transações comerciais, ou são puramente fáticos?</p>	<p>A primeira publicação oriunda do X é um tecnotexto informativo. O segundo post é de caráter irônico. O story é humorístico.</p>
<p>Como os subtópicos são distribuídos no texto (que sistemas semióticos estão sendo integrados?) Como esse modo de organização dos conteúdos favorece a argumentatividade do texto?</p>	<p>O texto publicado no X, que descreve os motivos apontados pelos evangélicos contra o filme da Barbie, é composto por legenda (texto verbal e emoji) e foto. A junção desses dois elementos tecnolinguageiros possibilitou a construção do seu caráter informativo. Se, por exemplo, o locutor ao invés de noticiar e introduzir o assunto da imagem, tivesse usado apenas um emoji de gargalhada, teríamos um ponto de vista de discordância baseado em deboche. Esse é o caso do segundo texto analisado, que apesar de ser composto pelos mesmos sistemas semióticos da primeira publicação, o qual concebe uma postura diferente. Nele, a legenda acrescida dos emojis e relacionada ao cartaz de divulgação do filme colaboram para a construção de um olhar irônico sobre o assunto abordado. No story, utiliza-se foto, texto verbal e menção à página da publicação original (clicável) como estratégia argumentativa para tocar os seguidores pelo humor. Ao clicar no post, o usuário será direcionado para outro ambiente e construirá outros sentidos através da bio, da foto do perfil e das demais publicações.</p>
<p>O texto analisado convoca outros textos para a construção de sentidos ou para o seu projeto argumentativo? De que maneira ocorre essa relação? Que tipo de intertextualidade é mobilizada para esse fim?</p>	<p>As publicações do X repercutem: por alusão estrita, o cartaz de divulgação do filme da Barbie, ironizando os evangélicos; por alusão ampla, o discurso de oposição dos evangélicos que é usado para fundamentar a notícia. Por sua vez, no story, a locutora faz uso da citação direta para reafirmar um</p>

ponto de vista pessoal.

Fonte:

Após, versamos acerca da interferência do Terceiro na interação digital e sua influência tecnolinguageira na construção de sentidos dos tecnotextos.

5.2 De Terceiro à interlocutor

O segundo momento de nossas análises consiste em verificar como os aspectos tecnolinguageiros podem contribuir para a definição de terceiro, asseverando a hipótese de que o terceiro ao mobilizar qualquer uma das ferramentas de interatividade deixa de ser um simples observador ao se engajar na interação e passa a assumir uma função ativa dentro do circuito comunicativo.

Em mídias como o X, em que todos podem cada vez mais expressar de alguma forma suas opiniões livremente sobre assuntos debatidos no espaço público, a noção de Terceiro ganha um significado especial na tecnotextualidade, permitindo uma transição de papéis com as instâncias enunciativas do locutor e do interlocutor:

Figura 14 - Terceiro observador.



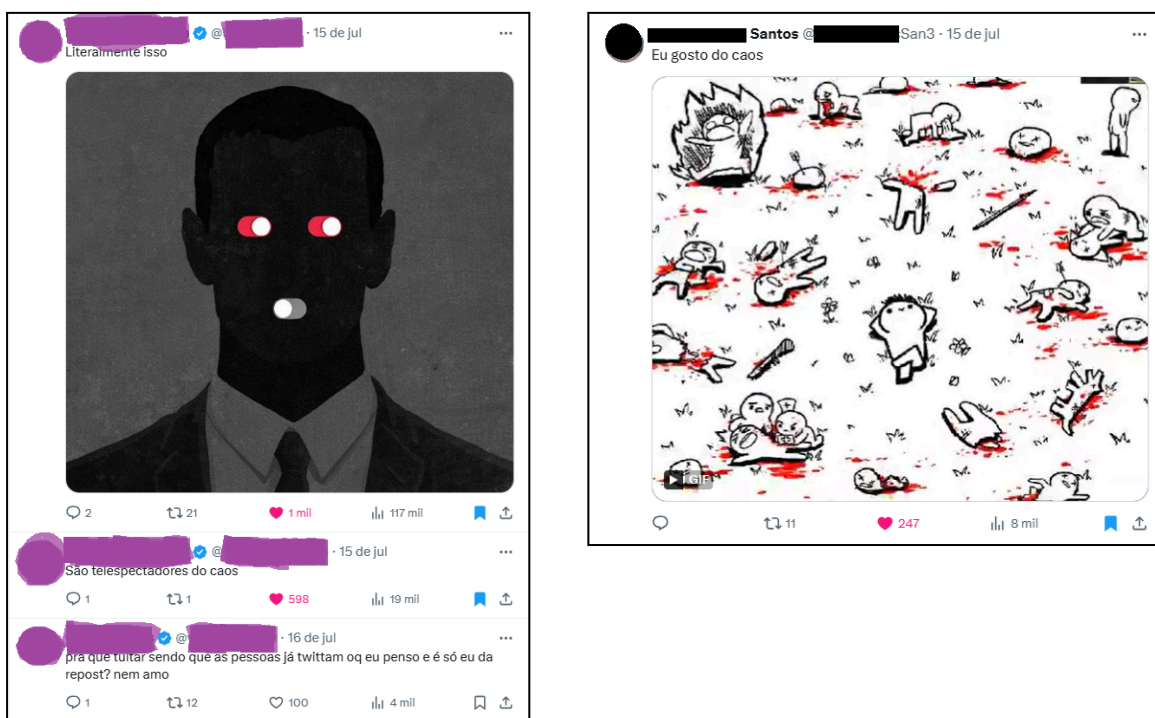
Fonte: X.

Figura 15 - Publicação com intervenção do Terceiro.



Fonte: X.

Figura 16 - Telespectadores do caos (Comentários)



Fonte: X.

Na publicação, o locutor por trás do perfil (@teucaos) acusa a existência de um terceiro, pois há um propósito humorístico como efeito de sentido. A legenda “pessoas que tem twitter, mas não twittam nada” atrelada à imagem nos ajuda a construir o estereótipo de um homem “superior”, deitado em um lugar alto, fumando enquanto observa o caos estabelecido entre pessoas que aparentemente estão desamparadas por causa de algum tipo de conflito ou desastre. Esse tweet é uma crítica à postura despreocupada de uma parte da sociedade que negligencia o sofrimento das minorias nas guerras, mas não deixa de ser também uma referência aos internautas terceiros que preferem acompanhar as informações e polêmicas sem comprometimento.

Figura 17 - Página inicial do perfil @teucaos.



Fonte:

Nos comentários subsequentes, o mesmo sentido é concebido. O primeiro internauta adicionou uma imagem que representa aqueles usuários que estão nos bastidores atentos em todos os assuntos do momento (olhos - botão on), mas que não se envolvem por nenhum tipo de ferramenta interativa (boca - botão off). Em seguida, outros usuários comentam: “São telespectadores do caos” e “pra que tuitar sendo que as pessoas já twittam oq eu penso e é só eu da repost? Nem amo”. Um outro usuário também alude ao mesmo entendimento em seu comentário, no qual apresenta apenas um gif, parodiando a foto da publicação.

Com isso, emergem dois posicionamentos diferentes sobre o terceiro. O primeiro como crítica pela indiferença diante do cenário particularmente caótico do “X”, o qual se tornou nos últimos anos um espaço de livre propagação da desinformação. Outra questão, apontada no segundo comentário, trata-se da praticidade com a qual algumas pessoas se identificam em apenas retuitar o conteúdo de outras publicações que mais se aproximam da ideia que desejam expressar.

Destacamos que a primeira amostra não possui a interferência do terceiro (representado pela foto perfil da pesquisadora desta dissertação no espaço vazio para comentar), porque a usuária inicialmente não interagiu, apenas acompanhou a repercussão

dos interlocutores. Até o momento, ela não havia curtido, comentado, repostado ou salvo a publicação.

O exemplo ao lado, por seu turno, nos apresenta a internauta que antes estava apenas observando tudo, finalmente marcando sua presença na publicação através da curtida e do comentário. Ou seja, ela passou de Terceiro à interlocutora, pois acionou as ferramentas de interatividade disponíveis para isso, transitando de mero ouvinte-espectador à interlocutor que assume uma posição ativa dentro do circuito comunicativo.

Compilamos no quadro síntese abaixo, todas as questões levantadas na análise e acrescentamos outros sentidos construídos posteriormente:

Quadro-síntese: aplicação do modelo de análise textual (Critério 3)

Aspectos enunciativos e interacionais para a contextualização de um texto	Respostas
Quem é o locutor/enunciador principal?	@teucaos
Quem é projetado como interlocutor?	Público em geral que tenha acesso ao X e os usuários que reagiram à publicação (@hidalicy, @##### e perfis privados).
Existem terceiros? (Se sim, qual o seu papel no circuito comunicativo do texto analisado? Ele é excluído? Como ele influencia na construção de sentidos? É possível flagrar sua presença no contexto em questão? De que maneira?)	O Terceiro não é excluído das interações digitais que estamos analisando. Ele se abstém por opção individual e pode tomar a palavra quando quiser, através dos gestos tecnolinguageiros disponíveis, indo de Terceiro passivo a interlocutor ativo no circuito comunicativo.
Qual o grau de intimidade dos interactantes (o locutor-enunciador principal e os possíveis interlocutores são conhecidos, desconhecidos, inimigos, amigos, íntimos ou aleatórios?)	São aleatórios.
De que gênero o texto participa?	Compósito de gêneros: publicação e comentários.
Em que ecossistema o gênero se situa? Como funcionam as mídias nesse ecossistema e por que suporte ele é acessado?	O ecossistema é o X, que se caracteriza por publicações essencialmente curtas de até 280 caracteres, mas que possibilita a inserção de fotos, vídeos, gifs, links e texto (verbal). Pode ser acessado por qualquer suporte como celular e tablet, mas neste caso, foi logado através do notebook.
O texto ocorre num espaço público ou num	As publicações estão abertas ao público em

espaço privado? Os participantes podem se ver ou não?	geral. Os participantes da interação não podem se ver.
Qual o número de interactantes (mais de dois)? O texto contém apenas um quadro enunciativo?	Mais de dois interactantes. Apenas 1 quadro enunciativo.
Existe, no quadro enunciativo analisado, a alternância de turnos de fala? As possibilidades de intervenção são limitadas ou não?	Não houve alternância de turnos de fala. Quanto às possibilidades de intervenção, são ilimitadas.
Com que propósitos o locutor/enunciador principal argumenta? Que pontos de vista ele parece sustentar?	Gerar humor crítico. O locutor desaprova o comportamento dos usuários do X que ao invés de usufruírem do espaço de publicação da plataforma para expressarem seus posicionamentos ou emoções, apenas observam. Ele utiliza uma hipérbole para denominar esses internautas como uma espécie de “telespectadores do caos”.
Em que situação sócio-histórica o texto se situa (como se contextualiza)?	Omissão de uma parte da sociedade frente às questões de interesse público discutidas no espaço digital.
Os objetivos da interação são voltados para que modo de argumentar? Para a sedução, para a transmissão de conhecimentos, para transações comerciais, ou são puramente fáticos?	Argumentação de caráter crítico-humorístico.
Como os subtópicos são distribuídos no texto (que sistemas semióticos estão sendo integrados?) Como esse modo de organização dos conteúdos favorece a argumentatividade do texto?	Três sistemas semióticos foram utilizados na construção de sentidos e da argumentação: foto, título sobreposto à imagem (compondo o meme) e elemento clicável (nome e usuário do perfil que fez a postagem). A frase foi atrelado ao texto não verbal, relacionando o homem deitado que observa na imagem com os usuários do X que não tuitam, sugerindo uma representação de telespectador da desgraça alheia e das desordens sociais. O autor da postagem que se denomina @teucaos traz conteúdos com temáticas relacionadas ao texto, sobre inquietações mentais e esgotamento emocional que causam confusão na vida cotidiana.
O texto analisado convoca outros textos para a construção de sentidos ou para o seu	Faz alusão estrita ao acontecimento da foto que circula na internet como base para

projeto argumentativo? De que maneira ocorre essa relação? Que tipo de intertextualidade é mobilizada para esse fim?	outros memes. Parece mostrar pessoas desabrigadas por conta de algum conflito ou guerra. Esse contexto foi aludido para enfatizar o caráter desordeiro do X e o homem deitado olhando tudo de cima relaciona-se à postura relaxada dos usuários quanto às temáticas sociais.
--	--

Fonte:

Verifica-se com a apreciação empreendida que a intervenção tecnolinguageira do Terceiro nas interações digitais decorrente de um gesto tecnotextual, por menor que seja, como curtir, resulta na co-construção de novos sentidos e no confronto de pontos de vista, fomentando a argumentatividade na tecnotextualidade.

5.2.1 O terceiro na construção de sentidos dos textos digitais

Quando o terceiro realiza um gesto tecnolinguageiro (curtida, comentário, repostagem, salvamento e compartilhamento), ele não é mais um simples ouvinte-espectador, pois ao engajar-se na publicação entra na cena interativa instaurada por um dado locutor/enunciador. Defendemos que essa tomada de posição impactará diretamente na construção de sentidos dos textos digitais.

Reflitamos sobre os seguintes exemplos:

Figura 18 - Publicação sobre o fim da escala 6x1.



Fonte: X.

Figura 19 - Comentários.



Fonte: X.

Figura 20 - Repostagem da publicação inicial com comentário.



Fonte: X.

Quadro-síntese: aplicação do modelo de análise textual (Critério 4)

Aspectos enunciativos e interacionais para a contextualização de um texto	Respostas
Quem é o locutor/enunciador principal?	@#### (## Dictionay), @###tto, @####noar
Quem é projetado como interlocutor?	Público em geral que tenha acesso ao X e os usuários que reagiram à publicação: @####to no primeiro quadro enunciativo; @hidalicy, @####olveiral, @####Na93016801, @byun### no segundo quadro enunciativo; @####noar no terceiro quadro enunciativo.
Existem terceiros? (Se sim, qual o seu papel no circuito comunicativo do texto analisado? Ele é excluído? Como ele influencia na construção de sentidos? É possível flagrar sua presença no contexto em questão? De que maneira?)	Sim, mas ele é ocultado pela plataforma numa fenda no alcance das publicações. Quando o Terceiro decide adentrar o circuito comunicativo por meio de um gesto tecnolinguageiro, ele tornou-se interlocutor e, dependendo do modo como flui a dinâmica interativa, poderá também alternar seu turno de fala com o locutor principal. Toda e qualquer intervenção que o Terceiro realize (curtida, comentário, reportagem e salvamento) vai interferir na construção de novos sentidos e argumentativos.
Qual o grau de intimidade dos interactantes (o locutor-enunciador principal e os possíveis interlocutores são conhecidos, desconhecidos, inimigos, amigos, íntimos ou aleatórios?)	São aleatórios.
De que gênero o texto participa?	Compósito de gêneros: publicação (tuíte) comentários (respostas) e reportagem por comentário.
Em que ecossistema o gênero se situa? Como funcionam as mídias nesse ecossistema e por que suporte ele é acessado?	O ecossistema é o X, que se caracteriza por publicações essencialmente curtas de até 280 caracteres, mas que possibilita a inserção de fotos, vídeos, gifs, links e texto (verbal). Pode ser acessado por qualquer suporte como celular e tablet, mas neste caso, foi logado através do notebook.
O texto ocorre num espaço público ou num espaço privado? Os participantes podem se ver ou não?	As publicações estão abertas ao público em geral. Os participantes da interação não podem se ver.

Qual o número de interactantes (mais de dois)? O texto contém apenas um quadro enunciativo?	Mais de dois interactantes e três quadros enunciativos.
Existe, no quadro enunciativo analisado, a alternância de turnos de fala? As possibilidades de intervenção são limitadas ou não?	Não houve alternância de turnos de fala. Quanto às possibilidades de intervenção, são ilimitadas.
Com que propósitos o locutor/enunciador principal argumenta? Que pontos de vista ele parece sustentar?	<p>Na primeira publicação, o objetivo é uma crítica de cunho irônico, com construção de sentido contrário (Pereira, 2023) na afirmação descrita na legenda e reforçado pelo uso das aspas. Sua real intenção é demonstrar a desigualdade com as verdadeiras condições de trabalho na escala 6x1, comparando o tempo de deslocamento com metrô, carro, bicicleta, a pé e motocicleta.</p> <p>A interação que surgiu sobreposta a um comentário da primeira publicação, apresenta um ponto de vista de oposição, em que propõe diminuir o salário dos trabalhadores com a escala de trabalho 6x1. Na repostagem da publicação original com comentário (legenda), o propósito da usuária é apresentar sua experiência universitária como dado para fundamentar a aprovação da escala 6x1. Em sua opinião, o deslocamento é um fator decisivo no sucesso da logística de trabalho/estudos em equilíbrio com a vida pessoal da população e proporcionando melhor bem-estar social.</p>
Em que situação sócio-histórica o texto se situa (como se contextualiza)?	Proposta de Emenda à Constituição (PEC) pelo fim da escala 6x1 no Brasil apresentada pela deputada federal Erika Hilton (PSOL).
Os objetivos da interação são voltados para que modo de argumentar? Para a sedução, para a transmissão de conhecimentos, para transações comerciais, ou são puramente fáticos?	Os textos apresentam, respectivamente, modos de argumentar de construção irônica, com apresentação de discurso de oposição e de natureza informativo-crítico.
Como os subtópicos são distribuídos no texto (que sistemas semióticos estão sendo integrados?) Como esse modo de organização dos conteúdos favorece a argumentatividade do texto?	Todas as publicações apresentam um mesmo padrão de distribuição e integração dos subtópicos textuais: legenda (texto verbal), foto e emojis (texto não verbal). Em alguns casos, consideramos também o nome de usuário, foto e bio vinculados ao perfil e

	timeline de posts. A organização e relação desses aspectos é importante na construção dos pontos de vista defendidos nos textos.
O texto analisado convoca outros textos para a construção de sentidos ou para o seu projeto argumentativo? De que maneira ocorre essa relação? Que tipo de intertextualidade é mobilizada para esse fim?	Citação por print de tela de simulação do tempo gasto de casa para o trabalho em diferentes meios de transporte em aplicativo específico.

Fonte: Cavalcante, Brito e Martins (2024) - adaptado.

Na publicação do exemplo 1, o locutor é representado por @####dict (Dictionary), pois não é possível identificar o sujeito real por trás desse perfil e então a responsabilidade recai sobre o usuário criado para veicular os conteúdos (Cavalcante, Brito e Martins, 2024). O contexto da postagem é a PEC sobre o fim da escala 6x1 no Brasil, viabilizada pela deputada federal Erika Hilton (PSOL). A ideia que defende a proposta recai sobre o pensamento de que “nem todos possuem as mesmas 24 horas por dia” e que o deslocamento de casa para o trabalho é diferente para quem possui transporte particular ou utiliza metrô, por exemplo. Note-se que a estratégia argumentativa do enunciador é utilizar uma afirmação com sentido contrário ao que realmente se entende e neste caso, as aspas ajudam no reforço da ironia.

Logo abaixo, temos um comentário do usuário @#####tto, um interlocutor, o qual aborda sua visão sobre a temática em questão. No exemplo 2 ao lado, temos um conjunto de outros comentários, mas desta vez, que respondem não à publicação original e sim à posição que o interlocutor expressou. Assim, compreendemos que originou-se um outro quadro enunciativo, no qual o autor do comentário inicial acredita que o fim da escala 6x1 deve estar atrelada à redução do salário por carga horária trabalhada.

As réplicas dos demais internautas expressam pontos de vistas variados que fundamentam uma mesma tese, isto é, a de aprovação da PEC. Uma parte deles argumenta sobre a desigualdade da escala de trabalho para a população em geral (6x1) e para os parlamentares (3x4), comprovando a incoerência na fala do interactante. Outra interlocutora lança uma questão sobre a importância dos dias de folga em comparação ao baixo salário.

No exemplo 3, temos uma repostagem com comentário (legenda) da primeira publicação. Acreditamos que se configura como outro quadro enunciativo, na medida em que compõe um outro post com outras respostas em outro espaço digital que é clicável através do ícone de retuíte. O propósito do gesto tecnolinguageiro é apresentar sua experiência

universitária como dado para fundamentar a aprovação da escala 6x1. Em sua opinião, o deslocamento é um fator decisivo no sucesso da logística de trabalho/estudos e em equilíbrio com a vida pessoal da população pode proporcionar melhor bem-estar social.

Chegamos ao ponto alto desta etapa analítica, pois importa salientar que todos os interlocutores que se dispuseram a defender seus posicionamentos, por curta, comentário-resposta ou postagem, já foram em algum momento parte do grupo dos Terceiros. Desde o início de nossa exploração, vimos ilustrando sua existência consciente, mas passiva, através das amostras retiradas de perfil pessoal, em que podemos ver o espaço para postagem vazia e nenhuma outra reação tecnolinguageira. Posteriormente, vimos que essas ferramentas de interatividade são responsáveis por inserir o Terceiro na interação como participante ativo, o que antes nas abordagens do Modelo Dialogal e na Polêmica era impensável.

Nos exemplos acima, é possível reconhecer a entrada dos Terceiros na comunicação digital. A intervenção com os gestos tecnolinguageiros gerou consequências na coerência digital. Curtir uma publicação, pode designar tanto aprovação, quanto estratégia para receber mais conteúdos semelhantes pelo algoritmo. Salvá-la revela interesse e desejo em ver novamente em outro momento. No segundo exemplo, notamos como os comentários cumpriram função de contraponto ao primeiro posicionamento e ajudam no fortalecimento da democracia no espaço público. Além disso, a opção por republicar o tecnotexto e adicionar legenda ocasionou a criação de outro cenário enunciativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo central situar a noção de *Terceiro* no contexto teórico e metodológico da Linguística Textual brasileira, com um olhar direcionado às interações tecnodiscursivas do ambiente digital. Diante da escassez de investigações que explorem esse participante no circuito comunicativo digital, buscou-se preencher essa lacuna teórica ao identificar e analisar seu papel, tanto enquanto observador passivo quanto como participante ativo na construção de sentidos em textos digitais.

Os resultados alcançados permitiram uma compreensão ampliada do *Terceiro* como uma figura essencial, ainda que frequentemente invisível, nas interações discursivas digitais. Este participante, inicialmente silencioso, desempenha um papel ativo por meio de gestos tecnolinguageiros, como curtidas, compartilhamentos, comentários e salvamentos, que, mesmo sem palavras, moldam a dinâmica comunicativa e influenciam a circulação e interpretação do discurso. A análise evidenciou que o *Terceiro* não é apenas um receptor passivo, mas um elemento determinante na construção de sentidos, participando de forma indireta, mas efetiva, no fluxo comunicativo digital.

No contexto do campo dêitico digital, demonstrou-se que as plataformas digitais expandem e ressignificam os papéis tradicionais de locutor e interlocutor. Recursos como métricas de visualização, menções e hashtags criam novas camadas de enunciação, nas quais o *Terceiro* se insere como uma figura híbrida, transitando entre observador e participante. Essa dinamicidade destaca a importância de considerar o impacto desse público "silencioso" na organização discursiva e nas estratégias argumentativas adotadas pelos participantes diretos.

Além disso, a pesquisa contribuiu para uma abordagem mais robusta da Linguística Textual no ambiente digital, incorporando a tecnodiscursividade como um elemento indispensável para a análise textual contemporânea. O conceito de tecnotextualidade revelou-se central para compreender como os textos digitais integram múltiplos sistemas semióticos, articulando linguagens verbais, visuais e interativas para criar e negociar sentidos. Nesse cenário, o *Terceiro* torna-se um agente central na configuração discursiva, mesmo quando sua participação é marcada pelo silêncio ou pela ausência de engajamento explícito.

Do ponto de vista teórico, este trabalho reafirma a relevância do *Terceiro* como uma categoria de análise nos estudos textuais e discursivos, desafiando concepções tradicionais que priorizam apenas os interlocutores diretos. A análise das interações digitais revelou que o

ambiente digital não apenas transforma os formatos tradicionais de comunicação, mas também redefine os papéis enunciativos, expandindo os limites do circuito comunicativo. O *Terceiro* é, portanto, uma figura indispensável para entender as práticas comunicativas no contexto digital, sendo fundamental para a construção de sentidos, ainda que sua presença seja, muitas vezes, implícita.

Por fim, os resultados deste estudo abrem caminhos para novas investigações. Sugere-se que futuros trabalhos aprofundem a análise do Terceiro em diferentes gêneros digitais e em plataformas emergentes, como *TikTok* ou redes baseadas em inteligência artificial, investigando como as mudanças tecnológicas continuam a alterar os papéis interacionais e a natureza da comunicação. Além disso, é necessário explorar as implicações éticas e sociais da participação do *Terceiro* no ambiente digital, considerando como a invisibilidade e o anonimato podem impactar as dinâmicas discursivas e argumentativas. Assim, espera-se que as reflexões aqui desenvolvidas inspirem e enriqueçam futuras pesquisas na área da Linguística Textual brasileira e da análise de discurso digital.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J-M. **Textos, tipos e protótipos**. Trad. Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* São Paulo: Contexto, 2019.
- AIO Educação. UEA SIS 3ª Etapa 2021. Disponível em: <[AIO | Quarta Parede Suposta Parede Que Separa O Palco Da](#)>. Acesso em: 02 de set. de 2024.
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, R. **Apologia da Polêmica**. Coordenação de tradução: Mônica Magalhães Cavalcante. Tradução: Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto [*et al.*]. São Paulo: Contexto, 2017.
- AMOSSY, R. **Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares**. Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, jun./nov. 2011.
- AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, G.; MACHADO, I.; EMEDIATO, W. (Orgs.) **Análises do discurso hoje**. vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p.231-254.
- ANGENOT, M. **Dialogues de sourds** - Ttraité de rhétorique antilogique. Paris: Mille et une nuits, 2008.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1995.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral**. 2. ed. Tradução Maria Glória Novak e Maria Luiza Neri; revisão Isaac Nicolau Salum. Campinas: Pontes. 2v. Título original: Problèmes de linguistique générale. 1988.
- BRESSAN, N. T. W. **A tríade enunciativa: um estudo sobre a não-pessoa na teoria de Émile Benveniste**. 2003. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- BRITO, Mariza Angélica Paiva. A atualização da polêmica nos comentários de notícias. In: **COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ARGUMENTAÇÃO E POLÊMICA**, I., 2018, Natal, RN. CIAP, Auditório Instituto Ágora.
- CAMELO, M. D. **A construção da face argumentativa erística pelo argumento ad fidem, no discurso do Cabo Daciolo, nos debates eleitorais de 2018**. 2018.172f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura, Goiânia, 2018.
- CAROZZA, L. Dissent in the midst of emotional territory. **Proceedings of the Ontario Society for the Study of Argumentation/OSSA**, Archive n. 21, 2007. Disponível em: <https://scholar.uwindsor.ca/ossaarchive/OSSA7/papersandcommentaries/21>. Acesso em: 1 set. 2021.

CAVALCANTE, M. M. BRITO, M A P.; MARTINS, M. A. **O funcionamento pré-discursivo e as estratégias textuais**. Linha D'Água, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 68-85, 2024. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v37i1p68-85. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/213925>. Acesso em: 15 mar. 2024.

CAVALCANTE, M. M. *et. al.* **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

CIULLA, A. **A dêixis: fenômeno referencial ou enunciativo?**. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; CORTEZ, S. L. (org.). Revista Investigações, Recife, v. 33, n. especial, Texto: gêneros, interação e argumentação – III Workshop de Linguística Textual, p. 200-216, 2020. DOI: <https://doi.org/10.51359/2175-294x.2020.244455>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/244455>. Acesso: 10 set. 2022.

DAMASCENO-MORAIS, R. Quem é esse tal de terceiro, afinal? **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1, n. 41, jan./jun. 2022. DOI: 10.36517/revletras.41.1.1. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/81086>. Acesso em: 7 jan. 2024.

DAMASCENO-MORAIS, R. **As emoções em campo jurídico: o argumento da experiência vivida**. Revista Entrepalavras, Fortaleza, v. 9, p. 170-189, 2019.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987 [1984].

EEMEREN, F. H.; HOUTLOSSER, P. Theoretical Construction and Argumentative Reality: An Analytic Model of Critical Discussion and Conventionalised Types of Argumentative Activity. **Proceedings of the Ontario Society for the Study of Argumentation/OSSA**, n. 9, 2005.

FLORES, V. do N. O escafandro e a borboleta: ou o testemunho da fala que falta ao falante. In: Flores, V. do N. **Problemas Gerais de Linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019.

FRISON-ROCHE, M-A. La rhétorique juridique. **Revue Hermes**, n. 16. Paris, 1995.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 19 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, 273 p.

Investigações em Linguagem: pesquisa desenvolvidas no PPGLin/UNILAB - volume 1. Otávia Marques de Farias, Maria Leidiane Tavares - organizadoras. São Paulo: Campinas, 2024. 244p..

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação: princípios e métodos**. Tradução Carlos Piovezani Filho, 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Le discours en interaction**. Paris: Armand Colin. Collection U. Lettres - Linguistique, 2011.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les interactions verbales**. Tome 1. Paris: A. Colin, 1990.

LAAR, J. A. van; KRABBE, E. **Splitting a Difference of Opinion: The Shift to Negotiation.** *Argumentation*, n. 32, 2018, p. 329-350. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10503-017-9445-7>. Acesso em: 21 set. 2021.

MACEDO, Patrícia Sousa de. **Análise da argumentação no discurso: uma perspectiva textual.** 245 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/38840>. Acesso em: 02 mar. 2020.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MARTINS, M. A. **Tecnotextualidade e Campo Dêitico Digital: análise de aspectos interacionais e enunciativos.** 163f. 2024. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós Graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2024. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51379>. Acesso em: 09 set. 2024.

MUNIZ-LIMA, I. **Modos de interação em contexto digital.** 2022. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2022.

OLIVEIRA, Rafael Lima de. **Uma análise textual do pathos em polêmicas.** 144f. 2020. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós Graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51379>. Acesso em: 09 set. 2020.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas.** Campinas: Pontes, 2021.

PAVEAU, M.-A. **Os pré-discursos: sentido, memória, cognição.** Trad. G. Costa, d. Massmann. Campinas: Pontes, 2013 [2006].

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica.** Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão; [revisão de tradução Eduardo Brandão]. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

PLANTIN, C. **L'argumentation.** Paris: Le Seuil (Mémo), 1996.

PLANTIN, C. **A argumentação.** Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PLANTIN, C. **Dictionnaire de l'argumentation: une introduction aux études d'argumentation.** Lyon: ENS Éditions, 2016.

SACKS, H. **Lectures on conversation.** Vols. I e II. Cambridge: Blackwell Publishing, 1992.

SCHUTZ, A. **Fenomenologia e relações sociais.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

TERCEIRO. *In: Vade Mecum Brasil.* Disponível em: <https://vademecumbrasil.com.br/palavra/terceiro>. Acesso em: 26 jun. 2024.

TOULMIN, Stephen E. **Les usages de l'argumentation.** Traduit de l'anglais par Philippe de Brabanter – Collection L Interrogations Philosophique. Presses Universitaires de France, 1993.

VELASCO, P. D. N. **Identidade, terceiro excluído e não contradição:** notas sobre alguns pressupostos filosóficos do ensino de lógica. Revista do NeseF, Paraná, v. 9, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/neseF/article/view/75236/41177>. Acesso em: 22 set. 2021.

APÊNDICES

QUADRO NORTEADOR DA PESQUISA - QNP		
Tema: A noção de terceiro		
Delimitação do Tema: A noção de terceiro na tecnotextualidade		
Questões central	Hipóteses básica	Objetivo geral
Como podemos situar a noção de terceiro no quadro teórico-metodológico da Linguística Textual, tendo em vista o fator da tecnotextualidade?	No circuito comunicativo, quando um locutor assume a palavra, ele estabelece um interlocutor e, ao mesmo tempo, antecipa a presença mesmo que silenciosa de um possível terceiro. Essa antecipação se torna especialmente relevante no ambiente digital, onde os elementos de interatividade desempenham um papel central na definição desse terceiro. Um exemplo notável é o fenômeno observado nas redes sociais, onde o número de visualizações frequentemente excede o número de engajamentos diretos, sugerindo a existência de uma audiência que, mesmo sem se manifestar, influencia a construção de sentidos e a comunicação discursiva.	Situar a noção de terceiro dentro do quadro teórico-metodológico da Linguística Textual, com foco na tecnotextualidade.
Desdobramentos da questão central	Hipóteses secundárias	Objetivos específicos
Qual o papel do terceiro no ambiente digital?	Inicialmente, o terceiro é um ouvinte-espectador das interações digitais e corresponde a uma instância para além do locutor e do interlocutor (Cavalcante <i>et. al.</i> , 2022).	Caracterizar o papel do terceiro no ambiente digital.

<p>Como podemos flagrar a presença do terceiro no ambiente digital?</p>	<p>Notamos que o alcance (número de views) das publicações é frequentemente superior ao engajamento explícito (número de curtidas, comentários, compartilhamentos e etc), por isso acreditamos que essa diferença pode remeter ao público que acompanha as interações nas redes sociais nos bastidores, sem se envolver. Hipotetizamos ainda que isso acontece, entre outros motivos, porque muitos usuários sentem-se mais seguros de possíveis julgamentos no anonimato, já que qualquer forma de engajamento é rastreável.</p>	<p>Identificar quais e como os recursos tecnolinguageiros são responsáveis por flagrar a presença do terceiro no ambiente digital</p>
<p>Como a dinâmica digital pode manter à margem ou inserir o Terceiro na interação?</p>	<p>Quando o terceiro realiza um gesto tecnolinguageiro (responder, repostar, curtir, salvar ou compartilhar) ele se torna interlocutor do autor da postagem. Esses recursos de engajamento são responsáveis por gerar rotatividade dos papéis de terceiro e interlocutor nas interações. Dessa forma, o terceiro que antes era excluído, se torna um participante ativo do circuito comunicativo. Essas considerações complementam a definição de terceiro no ambiente digital.</p>	<p>Analisar como os gestos tecnolinguageiros repercutem na definição do terceiro em interações digitais.</p>
<p>De que maneira, o terceiro influencia na construção de sentidos em textos digitais?</p>	<p>Ao realizar um gesto tecnolinguageiro, como curtida, comentário, etc, o terceiro adentra deixa de ser apenas um participante indireto do circuito, impactando de forma irreversível a interação</p>	<p>Descrever quais aspectos tecnolinguageiros evidenciam a influência do terceiro na construção de sentidos da tecnotextualidade.</p>

	digital e conseqüentemente a construção de sentidos entre os interlocutores.	
--	--	--

ANEXOS - EXEMPLÁRIO DE TEXTOS DIGITAIS DA PESQUISA

Figura 1 - Publicação vinculada ao perfil @brazuca6192295



Fonte: X.

Figura 2 - Comentários em resposta ao post





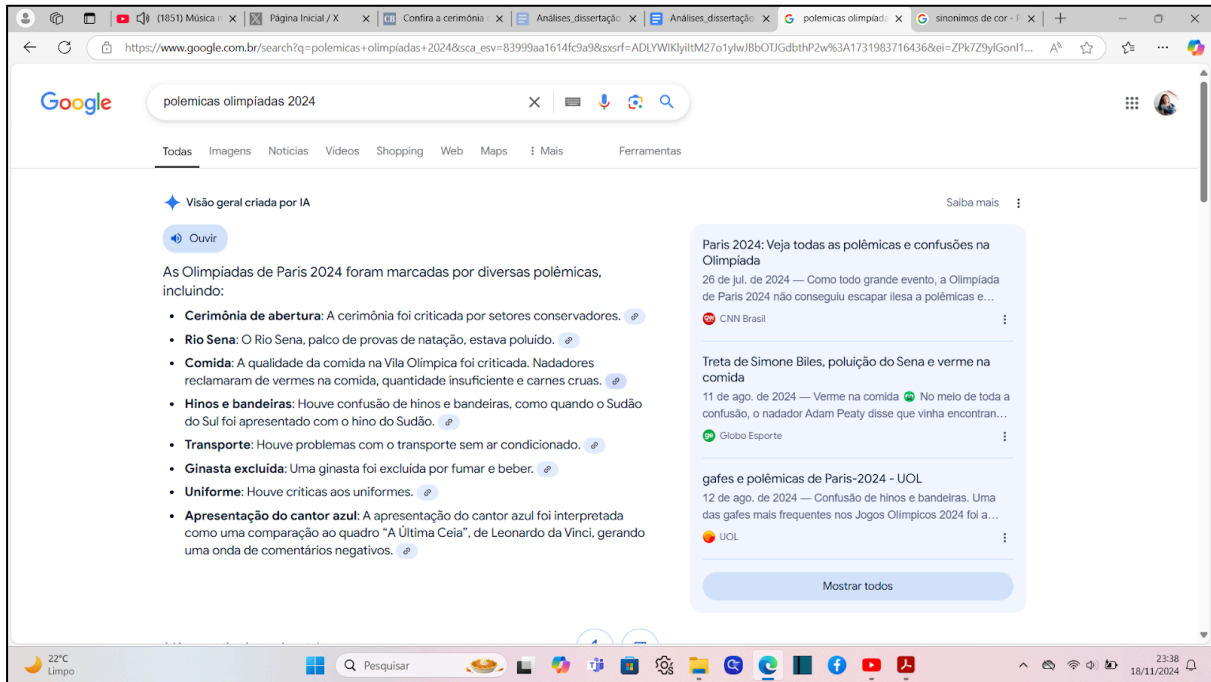
Fonte: X.

Figura 3 - Abertura dos jogos olímpicos em Paris (2024).



Fonte: Perfil @falecomcaio no X.

Figura 4 - Polêmicas sobre os jogos olímpicos de Paris.



Fonte: Google.

Figura 5 - Página inicial no X



Fonte: X.

Figura 6 - Cristão não assiste filme da Barbie

← Post

CHOQUEI 
@choquei

 **VEJA:** Crentes fazem tópicos para cristãos não assistirem o filme #Barbie  nos cinemas.



Você indicaria o filme Barbie?? Não

Nem tudo é cor de rosa como parece. Cuidado!

Por mais que a Barbie tenha feito parte da infância de muitas garotas, fique esperta. Se você é cristã, não negocie seus valores e princípios.

Porque não indico?

- Não é indicado para crianças menores de 12 anos.
- Contém linguagem imprópria, atos violentos e diálogos de duplo sentido.
- Mundo lúdico e encantado está lotado de apelação progressista.
- Envolve assuntos como feminismo, crise de identidade e autoaceitação

11:42 AM · 22 de jul de 2023 · 598,6 mil Visualizações

1 mil 752 2 mil 99

Postar sua resposta Responder

Fonte: X. Disponível em: <<https://x.com/choquei/status/1682763127815913473?s=20>>.

Acesso em 13 jan. 2024.

Figura 7 - Combo Burger King temático da Barbie.

dan_ 
Burger King  Seguir

 Dua Lipa • Dance The Night (From ...)



Combo **BK Barbie** O Filme
Barbie Land com sabor de BK

FREE REFILL
Burger King
Burger King

11 de julho • Ver tradução

Curtido por burgerkingbr e outras pessoas
dan_  @burgerkingbr acaba de anunc... mais

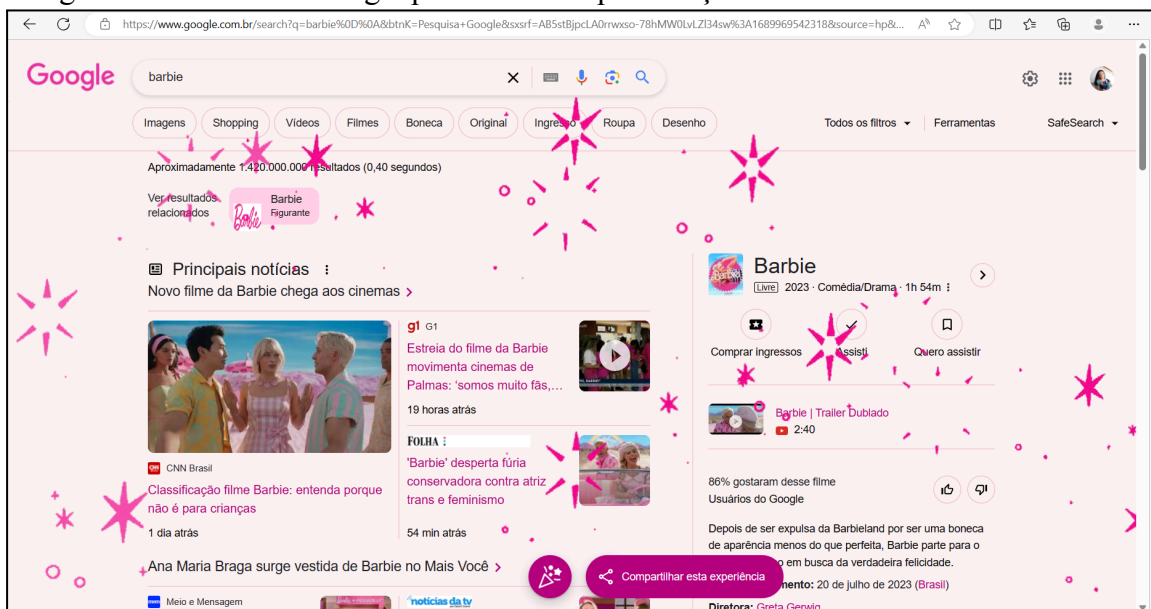
Fonte: Instagram.

Figura 8 - Lagoa Rosa (Pernambuco).



Fonte: Instagram

Figura 9 - Doodle do Google personalizado para lançamento do Live-action da Barbie.



Fonte: Google.

Figura 10 – Publicação em resposta ao público evangélico



Disponível em: <https://x.com/ecocrente/status/1682425634390196225?s=20>. Acesso em: 13/01/2024.

Figura 11 - Sobre contagem de visualizações no X.

Tempo está aca... x Dissertação_em... x Dissertação_em... x Projeto_quali... x Parecer_Quali... x x.com/reescrevi... x Contagem de vi... x Glossário x + -

https://help.x.com/pt/using-x/view-counts

X Central de Ajuda Como usar o X Gerenciar sua conta Segurança e proteção Regras e políticas Recursos Fale conosco

Central de Ajuda > Sobre contagem de visualizações

Sobre contagem de visualizações

A contagem de visualizações mostra o número total de vezes que um post foi visualizado. Com a contagem de visualizações, você vê facilmente o alcance dos seus posts e dos posts que vê na timeline. Eles serão exibidos ao lado do ícone de estatísticas em cada post.

Perguntas frequentes sobre contagem de visualizações

Todos os posts mostrarão a contagem de visualizações?

Não, somente os seguintes tipos de posts mostrarão a contagem de visualizações:

- posts da Comunidade
- posts da Roda do X
- posts Promovidos* (excluindo posts orgânicos promovidos depois)

Alguma pessoa pode ver a contagem nos meus posts?

25°C Parc. nublado Pesquisar 00:19 21/10/2024

Tempo está aca... x Dissertação_em... x Dissertação_em... x Projeto_quali... x Parecer_Quali... x x.com/reescrevi... x Contagem de vi... x Glossário x + -

https://help.x.com/pt/using-x/view-counts

X Central de Ajuda Como usar o X Gerenciar sua conta Segurança e proteção Regras e políticas Recursos Fale conosco

Alguma pessoa pode ver a contagem nos meus posts?

Sim. Qualquer pessoa no X pode ver a contagem de visualizações nos posts.

Quem conta como visualizador?

Qualquer pessoa que veja seu post conta como visualização; Não importa onde ela veja o post (p. ex., Página Inicial, Pesquisa, Perfis) ou se ela segue ou não você. Até se a pessoa que escreveu o post procurar por ele, isso contará como visualização.

Como as visualizações são calculadas?

Cada vez que você visualizar um post, isso contará como uma visualização separada. Por exemplo: se você vir o mesmo post 5 vezes, contaremos isso como 5 visualizações.

Você pode ver a contagem de visualizações nos posts das contas protegidas que você segue?

Sim, você pode ver a contagem de visualizações nos posts das contas protegidas. O autor sempre pode, mas agora os seguidores também poderão.

Botão de CTA

25°C Parc. nublado Pesquisar 00:20 21/10/2024

Fonte: Central de Ajuda do X.

Figura 12 - Story e visualizações no Instagram



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 13 - Terceiro observador.

Figura 14 - Publicação com intervenção do Terceiro.

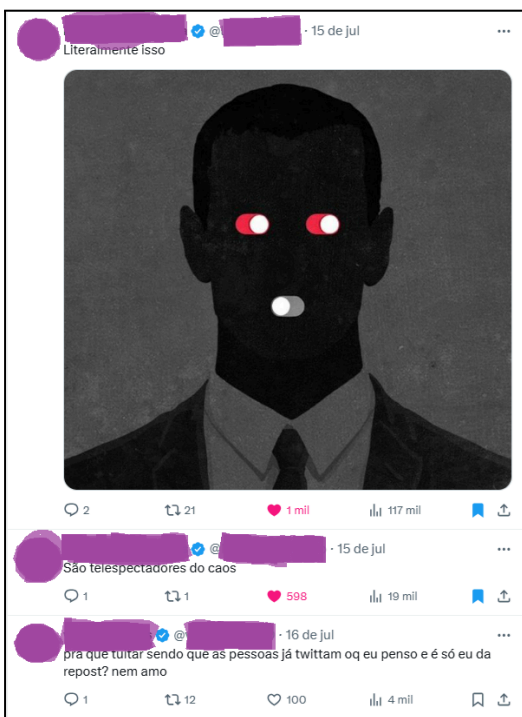


Fonte: X.



Fonte: X.

Figura 15 - Telespectadores do caos (Comentários)



Fonte: X.

Figura 16 - Página inicial do perfil @teucaos.



Fonte: X.

Figura 17 - Publicação sobre o fim da escala 6x1.



Fonte: X.

Figura 18 - Comentários.



Fonte: X.

Figura 19 - Repostagem da publicação inicial com comentário.



Fonte: X.